

CONFIADOS AOS MEUS CUIDADOS
A alegria de Educar as Mentes
e de
Tocar os Corações

Dara Tumaca – Ramos

"Manifestai, pois, em toda a vossa atitude
para com os alunos
confiados aos vossos cuidados,
que vos considerais como ministros de Deus,
exercendo as vossas funções com caridade e
zelo sincero e verdadeiro..."
São João Batista de La Salle
Meditações para os Dias de Retiro
(Med. 201, 1)

Apresentação

O Caderno 43, "**Confiados aos meus cuidados**" é uma obra que já de início cativa o leitor por sua simplicidade, espontaneidade, naturalidade e profundo altruísmo. Cada capítulo é como uma pérola do colar, que inserida nas demais, vai descortinando passo a passo a alma da autora, sua capacidade de observação e de admiração, sua entrega e seu amor à missão educativa.

O título, tirado de uma Meditação de São João Batista de La Salle, serve para corroborar o como as intuições pedagógicas e espirituais lassalianas continuam tendo grande atualidade e podem oferecer um panorama de sentido aos educadores de hoje.

Em um mundo em que muitos professores se sentem desmotivados e tentados a abandonar a profissão, constitui um estímulo perceber alguém que chega a experimentar o profundo gozo de educar. A autora nos ensina a sempre saber conectar a vida com a escola, a tomar em consideração os menores detalhes, a exercitar a paciência e a manter a autoridade, a nunca refrear a criatividade e a saber tratar a cada aluno como uma pessoa em crescimento, que merece *todo o nosso cuidado*, e não ver nele apenas um número a mais, ou um nome na lista de classe.

Aconselho a leitura deste Caderno MEL 43, a todos os professores que optam por aprofundar sempre mais a compreensão de sua profissão como uma verdadeira vocação. É a partir desta concepção da tarefa educativa que a profissão se converte em missão, o professor em ministro, e os alunos são vistos como "*confiados a nosso cuidado*" por Aquele que nos enviou a trabalhar nesta área do Reino.

Irmão Alberto Gómez, fsc

Agradecimento

Ao trabalhar naquilo que considero um projeto pessoal, considero-me muito feliz por saber que aqueles que me tornaram possível dar a lume este livrinho, pertencem ao círculo dos meus amigos e amigas mais próximos. A eles serei eternamente agradecida.

A *Shirley Mae Mendoza-Maghari*, colega de trabalho e amiga encantadora. Você foi a primeira a ler estas histórias, quando elas ainda não haviam sido aprimoradas. Obrigada por suas sugestões tão animadoras. Elas me ajudaram muitíssimo.

A *Celcil Jalandoni*, nossa assessora de inglês, por aceitar com tanto ânimo a tarefa de corrigir minhas histórias, e deixar uma nota tão entusiástica de apreço e de apoio sobre minha escrivaniha. Tudo isto influenciou muito positivamente na hora quando eu ainda estava cheia de hesitação e incerteza. Um milhão de vezes “obrigada!”.

A *Vladimir Cebú*, amigo, artista e confidente. Você chegou na hora de que eu mais precisava.

A *Maritess Valencia*, minha amiga espiritual desde nossos dias de colégio em St. Paul’s. Muito obrigada por seu apoio e suas orações.

A *Agnes Villarino-Agudaña, Jahren Salazar, Katharine Pfleider-Casia e Ellery Joy Armstrong-Arambulo*, alguns dos “ incondicionais” em minha vida. Vocês sempre hão de contar com meu carinho. Obrigado pelo apoio moral de vocês todos.

A *Genn Tomas*, gerente da IMPRESS. Sua sinceridade, generosidade e paixão pelas coisas bem feitas são verdadeiramente admiráveis. Muito agradecida por elaborar o *leiaute*.

À *Dr^a Myrna Juplo*, diretora e amiga na Universidade La Salle. Obrigada por sua confiança em mim e neste texto.

Aos meus amados alunos, especialmente os componentes de minha classe do 10º Curso na Universidade La Salle. Agradecida por enriquecerem plenamente minha vida. Vocês me inspiraram para escrever nossas histórias.

À minha família, especialmente minha mãe e a meu pai. Mamãe, tu realizaste um excelente trabalho enquanto estiveste junto de nós. Obrigada. Agora tu me fazes muita falta. Papai, que bom sempre ainda estares conosco, vindo correndo para te encontrares comigo e cuidar de mim cada vez que desembarcava do *Ceres Liner*¹ para ir aquele lugar que sempre denominei “meu lar”.

Ao Grande Mestre, por me ter chamado à vocação do Magistério e da Educação, e por me proporcionar os melhores mentores, colegas e alunos. Senhor, muito obrigada!!!

¹ Companhia de ônibus que opera na Ilha de Negros.

Introdução

Todas as resenhas deste caderno MEL se baseiam em minha experiência pessoal como professora de ensino secundário. Esta valiosa coleção de lembranças e de momentos de emoção com alunos, dentro e fora da sala de aula, eu as reuni afetuosamente no decurso de dez anos na vivência da realidade da educação.

As obrigações diárias de um professor, com certeza, nem sempre dão margem suficiente para finalizar o trabalho que se tem na mão, iniciando com planejar as lições, preparar audiovisuais, verificar escritos e projetos, redigir relatórios, assistir a reuniões, escutar, orientar, aconselhar alunos, encontrar-se com os pais e, prosseguindo, para ler e estudar sem nunca acabar...para não mencionar a preparação de saídas e excursões, alugar ônibus, levar os alunos a passeio e devolvê-los à escola sãos e salvos, supervisionar as atividades extraescolares, preparar grupos para concursos, e mil e uma outras coisinhas que uma pessoa denominada Professor ou Professora tem de exercer.

Por tudo isto, os dias escolares parecem voar. Os momentos estimulantes com os alunos são recordados como algo fugaz que já passou, ou ficam relegados em um cantinho escuro da memória para finalmente se perderem no esquecimento.

Neste décimo ano de ensino, uma sutil voz interior me tem animado a colecionar e enviar para dar a lume estas lindas e, de alguma maneira, divertidas recordações. A par disso, assim como acontece com qualquer boa notícia ou com alguma anedota divertida, a gente sempre sente muita gana para partilhar. Espero que, partilhando com vocês estas histórias, vocês se animem a saborear os momentos vividos com seus próprios alunos, ou com os jovens “que lhes forem confiados para cuidar”. E que, assim como ocorreu a mim, vocês se sintam enriquecidos com essas vivências.

GEOGRAFIA DAS FILIPINAS

Uma noite, meu irmão mais novo estava dedilhando sua guitarra e cantando qualquer musiquinha que lhe desse na cabeça. Ele me chamou a atenção quando entoou a plenos pulmões a canção do vocalista *Yoyoy Villame* “*Geografia Filipina*”.

“*Desde o Norte: Batanes, Apaarri, Llocos Sur, Llocos Norte, Isabela,, Cagayan Valley, Mountain Province, La Unión, Baguio City, Nueva Écija, Nueva Vizcaya...*”²

Depois de muitos anos, era a primeira vez que eu ouvia esta canção.

“Um momento!”, me disse eu própria, “posso utilizar esta canção como introdução para minha lição de Geografia no 8º Curso”. Era meu primeiro ano de Ciências Sociais nesse curso, e eu estava em busca de todos os materiais e recursos didáticos para tornar esta minha disciplina interessante e de proveito para os alunos novatos.

- Por favor, escreva esta canção para eu poder decorá-la – disse a meu mano. Para minha surpresa, só (!) há setenta e quatro cidades e províncias em uma canção “fácil” – Assim meus alunos aprenderão mais facilmente as Províncias das Filipinas.

Precisei de duas noites para conseguir cantá-la sem olhar para o escrito.

Alguns dias depois cantei “*Philippine Geography*” diante de meus alunos. Enquanto cantava, mostrava no grande mapa das Filipinas, a cidade ou a Província citadas na canção. Felizmente, não deixei fora nenhuma linha, nem titubeei de nenhum jeito, em nada. E, com um rastreio com minha caneta laser sobre o mapa, localizava a cidade ou a Província citadas. Finalizei a canção com: “*According to our geography, Philippines is such a beautiful country!*”³

Quando terminei, vejam só de onde, ouvi um fortes aplausos e vislumbrei brilhos de admiração nos olhos dos meus alunos; algo que nunca deixaria de entusiasmar o coração de qualquer professor.

- Fenomenal, *señorita!* Você conseguiu decorar todos esses lugares – aplaudiu um dos alunos.
- Com certeza! – respondi com um sorriso. – E sei que isto será muito fácil para vocês. Vamos cantar juntos.

Projetei a letra contra uma tela. Com que entusiasmo cantaram eles, especialmente estas linhas:

Ayeyeyeye – yeyeyeyeyeye.... Cebú, Mactan, Mandaue
Ayeyeyeye - yeyeyeyeyeye.... Bohol, Samar, Leyte
Ayeyeyeye - yeyeyeyeyeye.... Iloilo, Capiz, Aklan,
Antique, Palawan, Negros, Bacolod
Siquijor, Dumaguete...”

Rapidamente, tive de corrigir *Yoyoy* que não colocara a Província de *Palawan* adequadamente, porque não forma parte da região de *Visayas*.

² “Geografia de Filipinas”

³ “*De acordo com nossa geografia, as Filipinas são um bellissimo país!*”

Nessa mesma semana, enquanto eu estava no corredor na hora da saída, escutei dois alunos do 8º curso que diziam um ao outro:

- Como é teu professor de Estudos Sociais? - Perguntou meu aluno.
- É bom – respondeu o amigo de outro curso – Por quê? E a tua professora?
- É boa. Ela nos canta a lição. – Foi a resposta satisfeita de meu aluno de 13 anos.

Não pude evitar um sorriso. Suas palavras faziam entender que a nossa fosse uma aula de história da música.

Senti-me feliz por ter tomado um bom tempo para decorar aquela canção. Agora sei que *toquei os corações* de meus alunos já na primeira semana do curso. E a primeira impressão é aquela que costuma durar.

Obrigado, *Yoyoy!*

MACTAN

Um dia de verão, eu estava em casa, folheando meus velhos álbuns de fotografias. Como professora da História, acredito ter mais predileção para guardar recordações, do que outra pessoa normalmente tem. A maioria dessas reminiscências estão no coração; o restante na minha câmera fotográfica.

Examinando o álbum intitulado “*Viaje a Cebú*”, fixei o olhar numa foto tirada na Casa de Artesanato de conchas marinhas de Cebú. Como a lente zum da câmera, não pude evitar de concentrar o olhar em um rapaz alto do nosso grupo. Tive a atenção despertada devido a uma inscrição em sua camiseta: A VIDA É BREVE. ESFORÇA-TE.

E assim retornaram minhas recordações...

Era o terceiro dia de nossa viagem de estudos a Cebú. Nossa meta era a Ilha de Mactan.

Visitamos as instalações onde se fabricam as afamadas guitarras de Cebú. Fascinados, os alunos observavam como os artesãos esculpam e envernizam as ainda inacabadas guitarras. Acredito que fora a primeira vez que testemunhavam o processo de fabricação de uma guitarra. Ficaram ainda mais fascinados ao entrarem no centro de exposições, onde o excelente artesanato de guitarras de exportação as expunha em luxuosos estofos de veludo vermelho. Alguns deles, sentindo-se peritos, alegremente experimentaram tocar alguma guitarra, evidentemente não alguma daquelas estofadas em veludo vermelho, mas alguma outra mais comum. O bom humor se aposou dos jovens “turistas”.

Fomos depois a outra Casa para admirar amostras de artesanato de conchas marinhas lavradas, expostas para venda.

A caminho para outra fábrica de guitarras mais adiante na rodovia, fizemos uma parada imprevista para observar o trabalho na pedreira de Mactan. Alguns operários estavam descansando à sombra de uma árvore enquanto outros se dispunham para almoçar, exatamente quando nós chegamos à presença deles no seu lugar de trabalho ao ar livre.

- Seria bem interessante levar algumas pedras a Bacolod, como lembrança! – disseram alguns dos meus alunos, enquanto observavam pedaços de pedra branca esparramados aqui e acolá.

- É claro que sim! – replicou sorridente um dos operários. – Vamos lá! Cada um pode levar uma dessas pedras para casa – e mostrou alguns enormes fragmentos rocha branca. Isto provocou o sorriso em meus estudantes. Eles bem sabiam que era impossível carregar uma única pedra, todas elas com o tamanho de um tambor.

Nossa última parada antes de almoçar foi para visitar o monumento de *Lapu-Lapu*.

O sol abrasava quando descemos do ônibus. Alguns até mesmo se sentiram tentados a permanecer dentro do veículo, mas também não queriam perder a oportunidade de ver *Lapu-Lapu*, e pisar o mesmo campo de batalha. Evidentemente, ninguém queria deixar de tirar algumas fotografias do famoso monumento para mostrá-las aos amigos após o regresso para casa.

Por isso, todos desafiaram o calor. E ali, afinal de contas, viram o mais famoso cacique da história das Filipinas.

Durante um minuto contemplaram o imponente monumento e se maravilharam diante dele. A enorme estátua de bronze representa *Lapu-Lapu* robusto, viril e rude, segurando um grande escudo e um campilão.⁴ Este brilhava ao sol do meio-dia.

Enquanto todos estávamos observando o chefe, de cabeleira longa e desgrenhada, um estudante, em voz alta assim falou:

- Agora entendo por que *Lapu-Lapu* derrotou facilmente a Magalhães. Olhem só para ele! É muito mais grande do que qualquer europeu!⁵

Seus companheiros sorriram. Curvando um pouco a cabeça e tentando parecer sérios ante o tamanho exagerado da estátua, murmuraram: É! Você tem razão; tem razão!

Acabado o clique das câmeras, voltamos para ver a beira do mar em maré vazante. Supostamente, foi aqui que teve lugar a batalha histórica. Quase todos nos detivemos por um momento. Eles, os alunos, talvez estivessem recriando intimamente o acontecimento daquele profético dia de abril de 1521. Mas o que mais olhavam, simplesmente eram duas barcas abandonadas, perto de uma moita de mangues.

Concluímos com uma breve visita ao monumento de Fernando Magalhães. Ironicamente parecia uma coluna triunfal em homenagem ao famoso circunavegador do mundo que encontrou a morte por mãos dos cebuanos.

Historicamente fartos, mas famintos fisicamente, deixamos esse lugar histórico para saborearmos um gostoso almoço.

⁴ Campilão: espécie de alfanje ou cimitarra curva de folha larga, que se vai alargando até a ponta, usado nas Molucas e Filipinas.

⁵ Não admirem os leitores: Uma pessoa pode ser “mais grande” do que outra, mas esta pode ser “maior”. O aluno pode ter entendido uma ou outra. O contexto sugere que ele tenha entendido “mais grande”.

Sorri enquanto recordava esses fatos, e novamente fixei o olhar naquele rapaz espigado da foto. Era meu aluno, o ilustre jogador *Mikel Loving*, da equipe principal da Universidade, e um grande cavalheiro. A festa desportiva anual leva seu nome.

“A VIDA É BREVE. ESFORÇA-TE” diz muito dele e de sua morte prematura... Que Deus tenha sua alma!

BALAY NEGRENSE

Levei minha classe do 8º Curso a um famoso museu de *Silay City*, o *Balay Negrense*; distante da escola, uns 30 minutos de ônibus.

O Balay Negrense, por alguns silaynenses também denominado “Casa Encantada”, é uma das maiores mansões coloniais em Silay City e oferece doze dormitórios, seis em cada piso, e uma sala de estar do tamanho de uma cancha de basquete no segundo andar. A casa foi construída pelo senhor *Victor Gastón* para seus doze filhos. Foi um dos primeiros latifundiários fazendeiros da Província. Tudo isto durante o apogeu de Silay, quando a cidade era o centro da cultura e das artes. Vem daí seu nome popular de “a Paris de Negros”.

Quando o ônibus estacionou em frente da imponente construção, alguns alunos não puderam mais que se perguntarem: Pode haver ainda uma dama branca ali dentro?

Uma vez dentro da casa ficaram de boca aberta diante do mobiliário antigo e da cerâmica da casa, restos da época colonial da Espanha e dos Estados Unidos: uma ampla poltrona, uma cadeira de Balanço do vovô e ao lado uma cadeira de embalo de bebê, as elegantes camas de quatro colunas com suas colchas e trabalhos de crochê, bengalas bem trabalhadas e muito sólidas, chapéus, a pia do lavatório e a jarra de porcelana fina junto a uma cama de senhora, e o aparelho de rádio Zenith, de aspecto um tanto estranho.

Alguns dos alunos se demoraram em frente das amplas janelas abertas da sala do segundo andar para apreciarem a bela vista da cúpula brilhante da igreja de *San Diego* e da rua, cenário do movimento das tropas filipinas em sua marcha rumo a *Bacolod City*, o que finalmente ocasionou a queda do governo espanhol de Negros. Daí o nome da rua: “05 de novembro”.

Fomos ao refeitório, onde meus alunos ficaram grandemente impressionados pela mesa comprida e lustrosa, e a esplêndida exposição de porcelanas, pratos e cristais dentro da *Platera*⁶. No *pantaw*⁷, junto à casa, ficaram surpreendidos pela *batya* (banheira) de madeira, a batedeira e a velha prancha de passar roupa. O alpendre conduz à despensa onde os alunos puderam ver recipientes de cerâmica para a cerveja, e o *batinol*⁸, para o chocolate quente, algo que eu já lhes havia descrito antes na sala de aula. Viram mais quinquilharias antigas, e se assombraram e divertiram ante as cerâmicas da casa, aparentemente vindas de fora.

⁶ Platera = armário de pratarias

⁷ Pantaw = alpendre aberto

⁸ Batirol = batedeira da nata de leite para extrair a manteiga...

Depois da visita guiada pelas salas e as diversas exposições, a classe desceu até o estande de souvenirs, para comprar algum refrigerante

Perto desse estande fiquei de olho em um grupo dos nossos rapazes dando voltas em torno de abertura circular muito estreita que levava a um porão escuro. Pouco antes o guia lhes havia explicado a importância dessas aberturas redondas que eles viam, pensadas para a circulação do ar debaixo dos pisos de madeira dura. Essa ventilação prevenia contra a deterioração da casa. Enquanto olhavam para a escuridão do porão, parecia que também alentavam outras idéias. Incitavam-se para ver quem teria coragem para descer primeiro. Eu os adverti que estava escuro ali em baixo, e lhes disse que não sabia o que havia ali. Contudo, eu sabia que não era perigoso, pois eu também havia inspecionado o lugar no dia anterior ainda com luz. Eu os deixei, para controlar os outros alunos.

Na hora de ir embora, dei-me conta que não todos estavam na sala de recepção, onde combináramos encontrar-nos para a chamada da lista. Voltei à estande de souvenirs em procura dos ausentes. E, para minha surpresa, um atrás do outro, cinco rapazes começaram a sair pela estreita abertura. Vinham empapados de suor e com a camisa, tradicionalmente branca de seu Santana⁹, manchada com a imundície do porão. Malgrado isto, e ainda com uma certa sujeira nos rostos, ainda espelhavam certo orgulho e felicidade infantil.

Foi então que eles se deram conta de que eu estava atenta a eles...

Joel, um dos que saíram de rasto do buraco, se explicou rapidamente:

- *Señorita*, espero que não fique desgostosa conosco. Manong, o vigilante nos disse que podíamos entrar. – Depois olhei para Manong, de uns setenta anos, que se esforçava para dominar um sorriso. Evidentemente, ele também se divertiu com essa cena.

- Para a frente, rapazes! Vamos lá!

E, de dentro do ônibus escolar, de volta a *Bacolod City*, lançamos um último olhar ao Balay Negrense. Ainda parecia imponente, mas também mais amigável. Ao prestar atenção às conversas dentro do ônibus, me convenci de que meus alunos se haviam enriquecido com o conhecimento do passado e da cultura negrense mercê dessa visita; sobretudo aqueles cinco que não só haviam visto o interior do Balay Negrense, mas que também haviam rastejado por baixo de sua estrutura, até o ponto de tocá-la e, quase, abraçá-la.

QUE CASA!

No dia seguinte trabalhamos juntos a atividade. Dialogamos sobre o que tinham visto e experienciado durante a visita a Balay Negrense. Para muitos de meus alunos, esta tinha sido a primeira visita a esse museu.

Do trabalho escrito dos alunos, tudo tomado literalmente, podemos vislumbrar a impressão que o museu lhes causou:

⁹ Peça do vestuário masculino típica das Filipinas, fabricada a partir de um tecido denominado Santana.

Reyna Marie Occeño: “No começo pensei que o lugar fosse de terror, horripilante e misterioso, mas depois me senti feliz por andar pela casa. Foi maravilhoso!”

Kimwell Campomanes: “O porão é pavoroso; os banheiros gigantescos; as escadas brilham como diamantes”.

Patrick Uychiat: “Vi ali um telefone antigo, com o auricular isolado do microfone”.

Maria Christy Paglumotan: “A gente tem a impressão de que as pessoas de lá eram inteligentes, porque vi livros por quase toda parte”.

Joel Ray Aboy: “Vi uma caixa de sapatos com gente artificial dentro”. (*Acredito que se tratava de um diorama*)¹⁰

R. J. Javellana: “(A gente ali) era tão rigorista, que os rapazes subiam por uma escada, e as moças subiam por outra escada separada”.

Nisa Bermudês: “Anos passados nós tínhamos de colocar brasas nos ferros de passar; hoje basta que a gente ligue o cabo numa tomada”.

Bashtian Adriático: “Pela primeira vez vi uma motocicleta de Negros. O combustível procedia do açúcar de cana. Quando a moto ficava sem gasolina, o jeito era pedalar !”

O ANEL

“Ahay andar, andar de los singsing
Singsing ay abaw singsing
Ay abaw Nena, ay abaw Neneng”

Influências espanholas. Este foi o tema da nossa lição do dia. As mudanças e diferenças nas dietas, o modo de vestir, as canções e danças, a vida familiar, as funções das mulheres e a religião, sempre têm sido tratadas adequadamente em nossas discussões e debates na sala de aula. Para as influências espanholas na literatura comparamos brevemente o *corrido*¹¹ e o *awit*.¹² Depois tentamos explicar algumas formas de divertimento, como seja o jogo de *prenda*¹³ e o *duplo*¹⁴

O duplo é uma competição poética durante os velórios. Para explicá-lo mais animadamente aos meus alunos, falei a eles de um jogo que costumávamos praticar, quando eu ainda era criança, em um bairro da Província Negros Oriental.

¹⁰ Diorama: câmara escura com um orifício, através do qual são vistas figuras numa tela translúcida e iluminada.

¹¹ Nas Filipinas, este termo se aplica aos poemas e à poesia *tagalas (filipinas)* com versos de oito sílabas, sem cesura na quarta sílaba. Esta classe de literatura é geralmente erótica e burlesca.

¹² *Awit* se diferencia do *corrido* pelo verso de doze sílabas com cesura.

¹³ Neste jogo, um dos participantes vigia um círculo marcado no chão e que serve de prisão. O vigilante tenta pegar outros jogadores que correm por fora da prisão em uma tentativa de tirar os presos da prisão. O jogo termina quando todos estiverem dentro da prisão ou libertados dela.

¹⁴ O *duplo* é uma competição poética durante os velórios dos falecidos. Um rei acusa alguém de ter roubado algo do próprio rei ou da rainha. Em forma poética, o acusado procura defender-se e, por sua vez, acusar um outro.

- Acredito que seja uma versão aproximada do *duplo* em língua *Visayan* -, expliquei aos meus alunos. – Contudo, como tradicionalmente tudo que é filipino, também está na beira da extinção. Infelizmente, pode ser que já seja parte de nossa herança perdida. Se bem me lembro, nunca vi isto ser praticado desde que iniciei minha função de professora – falei a meus ávidos ouvintes.

Para surpresa minha, os jovens com quem partilhei minha experiência me sugeriram: *Señorita*, vamos pois praticar!

- Ó não! – reagi. Não podemos, pois somente se pratica durante os velórios.

- Eu posso fazer de morto, *señorita* -, ofereceu-se como voluntário um aluno da última fila. Ergueu os braços e, fechando os olhos e inclinando levemente a cabeça para o lado, os foi baixando devagarinho, como se estivesse caindo diretamente no chão. Seus colegas tentaram segurá-lo.

- Bem, posso ensinar-lhes a canção antes que a interpretamos amanhã – concordei de bom grado. Estavam tão entusiasmados que alguém do fundo da sala comentou: Uma canção e uma brincadeira! Que bom!

Olhando para eles, eu fantasiei: - A maioria de meus alunos, com certeza são bem-dotados de inteligência cinestésica e musical – Mas, em seguida com espontâneo leve movimento da cabeça, no íntimo neguei isto, recordando o informe do Departamento de Orientação sobre exatamente este grupo de alunos. Nosso 8º Curso obtivera a pontuação mais baixa na avaliação da inteligência musical. Bem, pensei eu, dêem-me tempo que eu os ajudarei a melhorar essa pontuação; eu vou incluir um pouco de música, toda vez que surgir uma oportunidade, em qualquer uma de minhas aulas. E esta poderá ser uma delas.

Depois de muitas tentativas de cantarolar a canção e de recordar aquelas noites já tão longe do tempo, fui capaz de recuperar algo de sua letra aliás bem simples:

“Ahay ender, ender de los singsing
Singsing ay abaw singsing
Ay abaw Nena, ay abaw Neneng!
Cuidado, Carmencita!
Cuidado, niña!

Mag-andam ka singsing
Sa imo paglakat
Kay may nagabantay,
Tatlo ka makawat.

Mas anelzinho tem cuidado
em tua viagem
porque te esperam
três ladrões.

“Ahay ender, ender de los singsing
Singsing ay abaw singsing
Ay abaw Nena, ay abaw Neneng!
Cuidado, Carmencita!
Cuidado, niña!

Singsing pagdali-dali
Pauli as hari
Kay ang atop reyna
Ay ay ginatuyo gani.

Volta anelzinho
rápido ao rei
pois nossa rainha
está a ponto de adormecer.

Originalmente os atores incluíam: um rei, uma rainha e três ladrões. - O objeto do jogo é o “anel do rei”, que vai circulando entre os atores, e deve voltar ao rei se não for descoberto e pego por algum dos ladrões. Fechando e abrindo as mãos discretamente, os atores em círculo tentam passar o anel, sempre de mão em mão a um outro. Se acaso chegar ao rei, os três ladrões são castigados batendo neles violentamente com as toalhas de rosto enroladas a modo de cassetetes, que tinham nas mãos, enquanto recitam versos poéticos improvisados. Se um ladrão conseguir pegar o anel, o ator culpado ou um grupo de culpados deverá(ão) recitar versos criados na hora. A maioria desses versos espontâneos acabam sendo muito cômicos, simplórios ou ingênuos que mesmo pessoas de idade que estivessem dormindo, haveriam de despertar para rir ou repreender o(s) ator(es) culpado(s). Isto poderia ser um motivo de desfastio num funeral!

No dia seguinte, ensaiamos ligeiramente a canção, e nos dirigimos à área coberta para o jogo. Escolhemos um rei e uma rainha.

É impossível não reconhecer a rainha na roda dos atores porque ela doravante usa uma coroa. (Essa coroa pertencia à minha cunhada. Ela a usou no seu casamento no ano passado, e ela a emprestou a mim. Eu a levei à escola para esse jogo. Ela saberá agora o que fiz com sua *tiara*. Minhas desculpas, Monaliza). Para desempenhar o papel dos três ladrões um bom número de rapazes da minha turma se apresentaram. Em vez das toalhas de rosto enrolados como se fossem cassetetes, usadas pelos ladrões para bater em algum ator suspeito de ter o anel e que não abrisse a mão quando a tentasse abrir, a classe decidiu adotar três almofadas decorativas, tomadas emprestadas do escritório da pastoral estudantil.

Para evitar que um anel verdadeiro fosse perdido ou extraviado, ou que um falso anel fosse posto a circular (o que era freqüente durante um verdadeiro jogo por ocasião de um velório de defunto), eu utilizei um botão cor de pêssego com borda marrom, que mostrei a todos.

Iniciou o jogo. O rei passou discretamente o botão substituto do anel, enquanto a classe entoava a canção, abrindo e fechando as mãos, e movimentando-se ao ritmo da melodia. Os ladrões se esforçavam para abrir algumas mãos, enquanto os colegas de classe tentavam pegá-lo para defender o colega suspeito e guardar o *anel*.

“*Ahay andar, andar de los singsing...*” – A canção prosseguía e o *Anel* continuava passando de mão em mão. Para minha surpresa, em vez de usar uma almofada para bater no portador suspeito do anel, um dos ladrões sacou do bolso uma pistola de brinquedo. – Mãos ao alto! – Isto num jogo tradicional? Esqueçam isto.

O tempo passava e ninguém ainda havia sido pego. O grupo estava entusiasmado. O anel chegaria ao rei muito em breve.

E, finalmente o anel chegou ao rei. – Castigo aos ladrões! – gritaram o atores.

Examinei o “anel” e...vivi a maior das surpresas. O *anel* não era o de cor de pêssego, mas marrom, da cor da castanha. Como teria acontecido isto? Onde está o botão cor de pêssego?

Se nos velórios de antanho tivesse aparecido um anel diferente na mão do Rei, esta vez se tratava de um botão diferente. Um “*déja vu*” modificado. Haveria outro termo para isto? As travessuras da geração de minha mãe, inclusive de meus avós não eram totalmente diferentes daquilo que esta jovem geração acabara de fazer. Depois de tudo, nada mudou. Ufa!

Não encontramos o botão cor de pêssego. Jogamos uma segunda vez. Quando o sineta tocou para a sessão seguinte, voltamos relutantemente para a sala de aula, todos suando e sorrindo.

Na hora da saída, dois alunos se chegaram a mim para a despedida. Muito nervosa a menina falou: “*Señorita*, pode você emprestar a *Mark Neil* o papel em que escreveu a letra da canção “Sing sing?”

- Por quê?

- Eu gostaria de jogar em casa com meus irmãos – respondeu *Mark Neil*.

Eu já estava a ponto de novamente dizer: - Não! Isto só se joga durante velórios -. Todavia, repliquei apenas: Evidentemente!

Ao ensinar nossas ricas tradições orais aos jovens nas salas de aula, para recordá-las e valorizá-las, é isto que se dá. É preciso que imagine meus alunos ensinando o jogo a seus irmãos em seu quarto. Sorri abertamente. O antigo e perdido jogo do bairro, hoje chegou a um cantinho desta cidade. Mas, pois! Para quê serve uma aula de História?

A SOCIEDADE SECRETA

A lição do dia versará a fundação do *Katipunan*¹⁵ organizada por Andrés Bonifacio e outros patriotas filipinos.

Entrei na sala de aula com a lição bem pensada e esboçada na cabeça. Levei também uma lâmpada de querosene. Solicitei à professora de práticas, *Amabel*, que a comprasse no mercado. Outrossim, trazia comigo uma caixa de fósforos e uma bandeira com o tríplice “K” (a do Bonifácio; não confundi-la com a bandeira do Ku Klux Kan). Essa, eu a pude ver na Caixa do Centenário¹⁶.

Na véspera havia pensado em levar também um crânio e um punhal para complementar o quadro de motivação que tinha em mente. Mas, no Laboratório de Ciências não havia crânio. Quanto ao punhal, julguei que poderia ser um tanto forte e imprudente para meus alunos de primeiro ano.

- Por favor, desliguem o ar condicionado e apaguem a luz. Depois, abram as janelas – falei aos alunos, uma vez concluída nossa costumeira oração inicial.

Sem nada falar coloquei a bandeira dos “três KKK” no quadro de giz.

- *Señorita*, será que vamos fazer um pacto de sangue como o amotinados de *Oakwood*?¹⁷ - Uma voz, com entusiasmo e alegria, se fez ouvir na sala de aula. Todos os olhos estavam então fixados na *señorita*.

- Shhh...abaixem a voz, e que a porta da sala fique bem fechada. Não vamos querer que algum guarda civil suspeite de algo - falei aos alunos com a máxima seriedade, enquanto retirava a tampa cilíndrica de vidro do lampião de querosene.

Num instante, um rapazinho se pôs à porta de trás - Eu vou fazer de guarda aqui, *señorita*!

- A senhora *Limas* é guarda-civil? – perguntou outro espírito infantil vivaz. (A senhora *Limas* é a vice-diretora da escola).

- Não. Ela ainda não tinha nascido – respondi de imediato.

Com isto a classe começaram a entender que passado e presente se entrecruzam, e os alunos decidiram continuar a divertir-se com a lição da *señorita*, passo a passo.

Nossa lição decorreu sem problemas. Os alunos participaram ativamente no debate sobre quando, onde, por quê, e como foi fundado o *Katipunan*. Durante o debate, o lampião se manteve resplandecente, mas depois me dei conta que a fumaça era um tanto intensa. Decidi iluminá-la

¹⁵ Sociedade secreta, fundada por Andrés Bonifacio, nas Filipinas, para libertar o país dos colonizadores espanhóis.

¹⁶ Nas Ilhas Filipinas foi celebrado o centenário da independência em 2008. Ao grande baú utilizado para guardar as reminiscências, foi dada a denominação de Caixa do Centenário.

¹⁷ Esse motim foi dirigido contra a Presidente Gloria Macapagal Arroyo, e aconteceu no sábado, 26 de julho de 2003. Os militares amotinados se trancaram no luxuoso Hotel Oakwood, que deu o nome ao motim.

retirando com cuidado a tampa cilíndrica de vidro. Queimei ligeiramente os dedos, e os alunos perceberam isto.

-Vejam, não é tão fácil assim ser *Katipunero*,¹⁸ lembrei àqueles que estavam diante de mim.

Quando estávamos ao ponto de comentar o método de recrutamento do *Katipunan* um estudante bateu à porta. Quase todos exclamaram: - um espião; deve ser um espião. Os olhos de todos traduziam um certo receio, com aparente seriedade.

- Não; acredito que se trate de um novo recruta! Que ele entre! – Era *Joel Ray*, um colega deles, a quem apelidavam “*Aboy*”. Quando entrou pela porta de trás, foi facilmente algemado por dois de seus colegas.

Ahá! Tempo para a realidade em vez de discuti-la – Minha mente dava voltas a todas as possibilidades.

Com o pano vermelho que eu tinha nas mãos (na realidade a bandeira de *Aguinaldo*), tapei os olhos de *Aboy* e o conduzi lentamente à mesinha do professor. Seus colegas logo se mostraram muito divertidos e na expectativa do que havia de acontecer.

- Sente-se *Ka Aboy*. – Iniciou o interrogatório:

“*Ano Ang kalagayan ng Pilipinas, lalo na Ang Katagalugan bago dumating ang mga Kastila?*”¹⁹

- Silêncio. Repeti a pergunta; esta vez com voz mais forte e teatralidade.

“*Masaya... mapayapa*”²⁰...falou um colega das primeiras filas.

“*Mapayapa*”²¹

“*Ikalawang tanong Ka Aboy? Ano ang kalagayan ng Pilipinas ngayon?*”²²

Respondeu em voz sumida: - Há muitos abusos por parte dos espanhóis. – Ia adaptando-se à situação.

“*Ano Ang pwede mong gawin para as bayan Ka Aboy? Ano Ang gusto mong mangyari ngayon?*”²³

- Lutar por nossa liberdade! Revolução! – Esta vez respondeu com mais segurança e, de fato, começava a gracejar.

“*Magalin Ka Aboy!*”²⁴ Tirei-lhe a venda dos olhos.

“*Pirmahan mo ng iyong sariling dugo and sulating ito*”²⁵. Entreguei a ele uma caneta esferográfica de tinta vermelha para que ele ferisse levemente no braço esquerdo com a ponta, e depois aponte para o papel colocado diante dele. Seus colegas, especialmente os das duas últimas filas, estavam todos de pé, rindo-se a valer.

“*Mga kasama. Mabuhaysi Ka Aboy! Mabyhay ang Pilipinas!*”²⁶

Depois prosseguimos. Quase ao ponto de concluir o debate sobre os três graus de participação no *Katipunan*, uma nova batida na porta.

Nisa, sua companheira, que havia solicitado permissão para sair da sala alguns minutos antes, estava de volta. A porta da frente estava fechada.

- Vamos deixá-la entrar?

- Não! dispararam todos em coro.

- É permitido a mulheres alistar-se no *Katipunan*?

¹⁸ Membro do *Katipunan*.

¹⁹ Qual era a situação das Filipinas, especialmente nas áreas dos tagalos, antes da chegada dos espanhóis?

²⁰ De felicidade e paz.

²¹ De paz.

²² Segunda pergunta para o camarada *Aboy*: “Qual é a situação das Filipinas hoje?”

²³ Que podes fazer por teu país, camarada *Aboy*? O que gostarias que acontecesse agora?

²⁴ Tu és bom, camarada *Aboy*.

²⁵ Assina este documento com teu próprio sangue.

²⁶ Camaradas: Viva o camarada *Aboy*! Viva Filipinas!

“Sim. Não”. Alguns começaram rapidamente a folhear seu livro de textos. Um dos alunos encontrou a resposta e soltou a voz:

- Só se for a esposa, a filha ou a sobrinha do *katipunero*.

- Correto!

Alguns alunos mais do fundo da sala sugeriram animadamente: *Señorita*, pergunte-lhe de que ela é parente.

- Bem, *Nisa*. Você conhece alguém aqui? – *Nisa*, que era uma garota tímida, respondeu com voz bem sumida: Sim.

- Quem?

Ouvi um grito repetido: *Aboy! Aboy! Aboy!*

Nisa titubeou um pouco. Depois com voz mal-audível: *Aboy*.

-Que parentesco você tem com *Aboy*?

- É mulher dele! – um bom número de alunos começou a clamar entre risadas.

Nisa, depois de alguns segundos, respondeu suavemente: Sou irmã dele.

Oh! – reagiram os colegas com desencanto.

A seguir discutimos a contribuição das mulheres à sociedade secreta. Novamente se ergueram quase todas as mãos. A participação da classe chegara ao auge.

Após a oração final, dei a todos o habitual: Até logo, classe.

Como se algo tivesse sido combinado, todos os alunos responderam: Até logo *Lakambini* -com muitos sorrisos. Eu sabia perfeitamente que se tratava de uma alusão a *Gregoria de Jesus*, esposa de *Andrés Bonifacio*.

Uf! Que aula! Saí da sala rindo-me de mim mesma e das travessuras dos meus alunos.

PERDIDOS

A classe do 10º D, decidiu passar seu dia de sueto em um centro turístico de montanha, denominado Buro-Buro.

Como os três ônibus escolares já estavam reservados, utilizamos três veículos particulares com um professor responsável em cada um deles. Eu fui para o último veículo.

A manhã foi encantadora. Todos nos deliciamos com o ar ameno e admiramos a paisagem. Logo ao sair da cidade admiramos culturas de cana de açúcar verdes, picos de montanhas envoltos em nuvens e algumas glebas com girassol silvestre, ao longo da estrada.

Visto que era *Valentine's Day*²⁷, houve brincadeiras e risadas dentro do ônibus. Algumas meninas, e mesmo alguns rapazes, já acarinhavam râmulos de rosas. As rosas compradas nessa manhã de um clube de empreendimentos na escola, podiam ser entregues a qualquer hora do dia. Alguns rapazes haveriam de presentear-las a seus amorzinhos, enquanto que um deles insistiu que o ramo seria para sua mãe.

A conversação em voz alta me dava uma ideia de quem estava enamorado de quem. *Chi*, que estava muito próximo do grupo das meninas, ainda tinha na mão o ramo de rosa. Os colegas faziam gozação dele. Eu fazia parte desse grupo que o molestava, quando um aluno me disse:

- “Não, *señorita*, a *señorita* está enganada. O amorzinho dele estuda numa escola próxima.
- Oh, já entendi -. *Chi* só sorria timidamente. Mas fiquei impressionada com a intimidade e a camaradagem desses jovens que pertenciam todos à “melhor sociedade”.

Finalmente, o grupo se integrou em algumas canções populares de amor que estavam sendo tocadas no estereofônico do ônibus.

Após quase uma hora, nos demos conta que o motorista se enganara de estrada, e não sabia encontrar o caminho certo para o centro turístico. Também começou a chover. Não conseguimos avistar os dois primeiros ônibus em lugar algum.

Enquanto eu tentava pelo meu celular contatar o professor do primeiro ônibus, o grupo continuava cantando. Suas canções foram vez por outra interrompidas com observações como “estamos perdidos”.

Paramos várias vezes para perguntar pela direção certa, a residentes do lugar. Meus alunos os escutavam atentamente e continuavam a cantar, confiando plenamente que haveríamos de chegar ao lugar combinado.

E assim aconteceu! Que lição de confiança e de otimismo de meus queridos alunos da 10º D! Refletindo sobre minha reação pessoal, eu sou levada a acreditar que a confiança é como uma boa dose de bálsamo pingada em nossos corações de crianças, e que parecemos perdê-la pouco a pouco, à medida que vamos crescendo em anos, e nos tornamos “mais sábios”.

Vou observando seus rostos alegres e confiantes e espero que meus alunos tenham amplamente desse bálsamo para conduzi-los em todas as veredas da vida e suas encruzilhadas. Esta é minha esperança e minha oração por eles.

²⁷ Valentine's Day: é o dia 14 de fevereiro, quando os namorados trocam presentes e cartões.

VALENTINE'S DAY EM BURO-BURO

Logo que chegamos ao Centro de Veraneio, os estudantes deixaram suas mochilas numa choça de “nipa”²⁸ e levaram seus utensílios de cozinha e cestos de comida, com carne de báculos assada, para uma casa maior e resguardada dos mosquitos. Com muito entusiasmo, em pequenos grupos, foram inspecionar o local.

Em breve, os do grupo de *Delman* começaram a brincar em um açude estreito. Os do grupo de *Jag* davam chutes numa bola de basquete, enquanto os do grupo de *Cristóbal* admiravam o panorama desde a casa no meio do açude. Eu me juntei a este grupo. As flores de lótus do açude e os dois patos brancos, junto a um pequeno, mas compacto aglomerado de bambu chinês, ofereciam uma vista repousante, para não mencionar as pequenas tilápias²⁹ nadando abaixo de nossos pés, e que podíamos ver através das fendas nas tabelas de bambu do soalhado.

Os rapazes partilharam desconexamente repertórios jocosos, por vezes, um pouco picantes da viagem, a movimentação na escola e o maravilhoso panorama que se nos descortinava. *Cris* abriu um pacote de *potato chips*³⁰ e ofereceu a todos. Prosseguimos trocando observações, impressões, fatos jocosos...tudo coisas de que eu, professora, gostei muito. Não preciso asseverar de que esses jovens me pareceram extraordinários, acessíveis, dignos de toda confiança, e que era fácil conviver com eles, não apenas na sala de aula, mas também fora. Acredito mesmo, que eles se deram conta de minha cordial estima e empatia.

Eles eram parte daqueles alunos que realmente davam bons resultados em minhas lições e gostavam delas de verdade. Acredito na plena autenticidade da asserção: o êxito de um aluno na escola, em grande parte, depende do bom relacionamento entre professor(a) e aluno(a), e vice-versa. Certo escritor expressou isto sucintamente: “Cuidado com aquilo que tu dás às crianças, aos jovens; tem certeza que, cedo ou tarde, eles to devolverão”.

Em dado momento, *Carlos* tirou um pacotinho do bolso: dentro de uma caixinha, um ursinho de veludo vermelho, com o aviso: CUIDADO.

- *Señorita*, isto é para você! Um feliz *Valentine's Day!* explicou ele com um abraço.

- Muito obrigada, *Carlos!*

Receber um presente desta maneira, com certeza prova que: Os alunos sempre retribuem a amizade e o desvelo dados com liberalidade! - Professor(a), trata sempre teus alunos como tu queres que sejas tratado(a).

²⁸ Nipa = Palmeira que cresce nas filipinas, cujas folhas se utilizam para cobertura de casas, em cestaria. Pode ser traduzido por “bambu”.

²⁹ A tilápia é considerada o pescado dos pobres nas Filipinas. Ano após ano, o consumo de tilápia vai aumentando.

³⁰ Batata frita fatiada.

NO AÇUDE

Saímos da casa de onde admirávamos maravilhados, a panorâmica serena e rústica do Centro de Veraneio, para descobrirmos qual poderia ser a causa dos gritos e das risadas que partiam do açude.

Travessos e muito brincalhões, alguns rapazes empurravam colegas descuidadas(os) para dentro do açude. A primeira foi a *Marichelle*, que não teve tempo nem para vestir seu traje de banho. Logo, duas colegas dela. Já estavam três vítimas involuntárias se debatendo dentro da água. Depois, três rapazes correram em direção de *John*. Com o reforço de dois colegas o carregaram para a beira do açude. Alguns companheiros dele tentaram protestar, porque o conheciam muito bem. *John* era considerado o rapaz mais sério da classe, mas, lá já estava ele de roupa e de sapatos dentro da água. Os que estavam ao redor do açude julgavam que ele sairia de lá furioso. Porém, para surpresa de nós todos, ele saiu do açude com um sorriso largo de orelha a orelha.

Quem é que diria que a gente seria não encanta um pouco de farra?

Outros, que também foram empurrados para dentro da água, decidiram dar um mergulhão e ficar dentro da água com seus companheiros. *Delman* foi um daqueles que ficou mais tempo dentro do açude. Mas, na hora do almoço, *Delman* que se deliciava com seu banho, saiu do açude exatamente quando encostou ali o carro dele próprio. O motorista de sua família saiu do carro, trazendo num cabide, bem engomado, o uniforme de escoteiro de *Delman*.

- Para aonde vai você? – lhe perguntei surpreendida, ao vê-lo com todos esses apetrechos de escoteiro às costas.

- *Señorita*, tenho de voltar para a escola. Devo fazer uma palestra aos escoteiros do curso primário, a uma hora da tarde – me explicou com seu sorriso juvenil.

Em poucos minutos estava vestido de Escoteiro, com todas as suas insígnias no colete. Partiu sem espalhafato algum. Não haviam passado duas horas, enquanto eu conversava com três alunas em uma casa, avistei *Delman* de bermudas, correndo fora do açude.

- Você já voltou? falei a ele muito surpresa.

- Sim, *señorita*. Dei minha palestra como devia – me retrucou.

Hahahá! Que conferencista! Do açude para um compromisso público, e já de volta para o açude.

Para *Delman*, destacado escoteiro explorador, o compromisso de proferir uma palestra, não parece muito preocupante nem trabalhoso.

Meu coração se encheu de orgulho ao ver esse jovem tão simples e humilde; potencialmente, um grande líder.

____ Nota: Em seu último ano de estudante, *Delman* foi eleito Presidente do Conselho de Assuntos Estudantis, recebeu sete dos nove prêmios durante o PRIC (*Pacific Rim International Camp*. - Em português: *Acampamento Internacional dos Países da Costa do Pacífico*) no Japão, foi premiado como um dos dez escoteiros destacados das Filipinas e obteve os prêmios La Salle e Christopher Pio López, na entrega dos diplomas, durante sua formatura.

UM MUSEU DOTADO DE VIDA

Como parte da nossa comemoração multicultural mensal, minha classe de História Universal, sugeriu o projeto de um Museu Animado. Após alguns debates, decidimos mostrar as seguintes civilizações antigas: Mesopotâmia, Egito, Índia, China, Grécia e Roma.

Inicialmente, alguns alunos se mostraram bastante indecisos acerca do projeto. Depois de um intenso debate e de sugerir a eles a ideia de convidar todos os alunos do Curso Secundário, e inclusive do Primário, começou-se a tomar a sério a ansiada iniciativa.

Na véspera do início das atividades do projeto, nosso lugar de reunião – sala de multiusos – era um frenesi de atividade. Todos os grupos estavam atarefadíssimos na execução das tarefas de que haviam sido incumbidos, pintando os painéis de fundo, cortando e colando caixas de papelão, instalando luminárias... Alguns grupos trouxeram uma cadeira de clínica para ser o trono de Cleópatra. Usou-se argila mole de *Silay City* para confeccionar as tabuletas para gravar letras cuneiformes da Mesopotâmia. As palmeiras e as folhas eram para os indianos. Conseguiu-se um divã em que o imperador romano se pudesse reclinar, e muitas outras coisas para chegar a representar alegoricamente um “museu animado”, de verdade.

E, evidentemente, os trajes.

Mantas e cortinas se transformaram em togas romanas. Lençóis brancos para os gregos. Papelão para as espadas e escudos. Papel de alumínio dourado para ferramentas egípcias. Sárís verdadeiras para as mulheres e moças hindus. Alguns vestidos longos (*cheongsam*) para as damas chinesas.

-Precisamos de mais cortinas – falou um aluno, enquanto fixava um pedaço de pano perto do quadro de giz.

- E alguns vasos com plantas – sugeriu outro.

- Vou lá em casa – já decidi um da turma.

- Necessitamos também de algo para nosso estômago; estamos com fome. – Sim; os artistas estavam com fome.

- Continuem o trabalho; voltarei logo... e... – Ao ouvi-los, meu coração se encheu de orgulho e satisfação.

Felizmente, vi que tudo quanto era necessário para o museu tinha aparecido como que milagrosamente. Assim como de um manancial aberto, a criatividade brotava dos alunos. Tudo ganhou destaque devido a um firme espírito de responsabilidade e cooperação entre todos eles.

Naquela noite saímos da sala esgotados física e mentalmente. Ao fechar a porta do nosso futuro museu percebi que alguns raminhos entrelaçados sobre a porta, em letras góticas diziam: “MUSEU ANIMADO”.

Que criatividade! Pensei enquanto sorria.

Criatividade ...originalidade... esforço...

ABERTURA DO MUSEU ANIMADO

Bem-vindos ao Museu Dotado de Vida do 10º Curso! Foram estas as palavras de convite do guia, que nos levaram à primeira civilização: a Mesopotâmia. – Coladas nas paredes há exemplificações do primeiro sistema de escrita conhecido: o cuneiforme. Dois artesãos estão trabalhando afanosamente a argila mole, e mesmo trabalhando, sorriem discretamente para os visitantes.

O ângulo seguinte, sem nenhuma dúvida, é uma mostra do Egito. A um lado, contra a parede se vê um enorme quadro de uma esfinge e de uma grande pirâmide. O outro lado é uma linha de pontos com estrelas cintilando e uma lua brilhante. Com certeza, significa o Egito místico. É obra de *Jed*, o artista da turma, que faz parte deste grupo.

Atravessando a sala, fascinam os deuses e as divindades gregas, envoltos em lençóis brancos, como endossos do melhor alvejante de qualquer lavanderia: Zeus e sua esposa Hera estão no centro. Deuses e deusas famosos, como Afrodite, Apolo, Atenéia e Ares os rodeiam. Mas, parece que Hércules é o único bem conhecido dos alunos do Curso primário. Será por causa de sua força muscular? Ou pelo raio com trovão? Sobre as cabeças das divindades pairam nuvens (na realidade, papelões pintados) para criar uma ilusão de grande sublimidade. Ou, será que está acontecendo um encontro formal no monte Olimpo?

Em um espaço, passando o da civilização da Mesopotâmia, aparece algo como uma cabana sem telhado. Pintado na parede, há um pequeno quadro do *Taj Mahal*, supostamente visto através da janelinha da cabana. Bem-vindos à Índia ancestral! Dentro da área cercada, jaz um hindu “morto”. Está completamente envolto em uma manta, menos o rosto. Que rosto tão belo! Um hindu autêntico. Será que é *Rakesh* ou *Dilip*?

Perto dele, sentada sobre palmas e folhagens, uma jovem bonita, ataviada com sári, olha tristemente para seu esposo. Representam uma cena preparatória de cremação voluntária de uma viúva, costume bastante comum na Antiga Índia, até 1700. Alguns visitantes do ensino secundário, olhando para esse casal, não conseguiram evitar de dar um sorriso. Ufa! Que bela dupla formavam esses dois! Este sorriso provocou uma reação do hindu “morto”, que, nervoso, moveu a boca e o nariz aquilino, para diversão de seus amigos e colegas de grupo.

A civilização chinesa está no canto mais afastado. Pendentes do telhado de um pagode, espalham luz quatro luminárias chinesas. No soalho, sentado em almofadas e uma manta de viagem, estava sentado o imperador, totalmente ornamentado, com sua esposa, filhos, e filhas usando longos vestidos (*cheongsam*). Estão reunidos em torno de uma pequena mesa, com muitas tacinhas de chá chinesas. Hora do chá na Antiga China?

A última civilização mostrada no Museu Animado foi a Romana. Uma área limitada por colunas bem cobertas de panos (colunas feitas de pedaços de papelão enrolados e pintados), alguns rapazes seguram leques gigantes. A quem abanam eles? Um homem com toga está orgulhosamente reclinado numa rede. Será que é um patrício ou o próprio imperador? Duas madonas a seu lado, lhe oferecem um cacho de uvas e uma taça com algo dentro. Mas, de vez em quando alguns “escravos” lhe põem na boca algum bago para contrariedade do imperador reclinado. E, o que pode ele fazer? Nada, a não ser abrir a boca ou bater palmas com as mãos.

Após uma visita completa ao museu, qualquer pessoa só pode maravilhar-se pela criatividade e ingenuidade ilimitada dos jovens. A verdadeira história reviveu naquele cantinho da escola secundária. Um museu animado.

ONDE ESTÁ A MÚMIA?

A abertura do Museu Animado foi um grande êxito. Aos estudantes do Curso Secundário foi dada a oportunidade de visitar as exposições animadas durante as lições de Estudos Sociais. Também os alunos do Primário tiveram essa oportunidade. Dentre as diversas civilizações antigas, a egípcia se tornou a mais popular. Por quê seria? – Vamos tentar explicar:

Os alunos do Primário chegam cautelosos ao espaço dedicado ao Egito. Contemplam o belo quadro da pirâmide e da esfinge. Depois avistam a sedutora Cleópatra, que irradia seus atributos de realeza. Na realidade, trata-se da encantadora *Ruth*, que, sentada na elevada cadeira de clínica, se faz a vez de Cleópatra. Seus lindos “olhos egípcios” são dirigidos fixamente aos pequenos visitantes. Veste uma bata imitando cetim de cor amarelo-pálida. Sobre a cabeça imperial exibe uma coroa feita de papel alumínio dourado, com um desenho de serpente no centro. Dois colegas semi-nus, com as partes íntimas cobertas com papel alumínio dourado a modo de tangas, braceletes egípcios, lhe montam guarda.

Depois de admirar Cleópatra e tudo ao redor dela durante alguns minutos, todos os olhos se voltaram para o esquife só meio-iluminado aos pés do Faraó. Estavam ansiosos para ver aquilo de que tanto ouviram falar sobre a múmia, pelos visitantes anteriores.

Apreensivos olham para dentro do esquife. Olham de novo...olham mais uma vez...O esquife está vazio.

- Onde está múmia? – perguntam os pequenos decepcionados.

Em voz bem sumida perguntei aos guardas de Cleópatra: Onde está a múmia??

- *Señorita*, ela saiu faz uns poucos minutos, para respirar um pouco de ar ameno.

Após explicar aos decepcionados visitantes que as múmias também precisam de descanso de vez em quando (o mistério já fora esclarecido para as crianças), desci para a cantina do Colégio.

Estava ali a múmia, sentada a um cantinho com uma garrafinha de Coca-Cola na mão, ensopadinha de suor, mas ainda com ataduras de gaze em torno dos braços.

- *Señorita*, estou com os membros intumescidos – queixou-se *Ana Maria*. Compreensível. Ela fez a vez de múmia, e hipoteticamente se exigia que devia permanecer imóvel no esquife em todo o tempo que houvesse visitantes no museu.

- Conte-me, *señorita*, - perguntou orgulhosa a *múmia* – os alunos pequenos deram mostras de medo quando olharam para dentro do esquife? – Ó sim, inclusive um pequeno chorou – lhe disse efusivamente. E sinto-me muito feliz porque você desempenhou tão bem o papel de múmia.

Deixei que terminasse de tomar seu refrigerante e... Volte rapidamente, corra... os alunos do primário estão à procura da múmia!!!

TURNÊ GRECO-ROMANA

“*Rolling Hills Memorial Park*”³¹. O ônibus escolar estacionou bem defronte do portão de entrada. Os alunos, uniformizados, desceram com seus cadernos e canetas em uma das mãos; alguns com uma câmera na outra. Após algumas instruções e avisos, e alertando sobre o tempo limitado de que dispunham, partiram em diferentes direções. Alguns correram rumo aos monumentos mortuários de mármore esbranquiçados, que tinham avistado de dentro do ônibus.

- Por favor, respeitem o lugar dos mortos – lhes lembrei. Aqueles que corriam, pararam por um momento, e depois caminharam a bom passo.

Eu segui na direção de alguns deles. Estava com minha classe de História Universal do 10º Curso em uma atividade complementar da nossa lição, “Arquitetura Grega e Romana”, centrada nas colunas clássicas.

Para o projeto de grupo – um mini álbum – foi-lhes dito que deviam localizar, tirar fotos e identificar as três categorias de colunas gregas: dóricas, jônicas e coríntias – e as duas adicionais dos romanos: toscanas e compostas. Eles poderiam encontrar todas nos locais que havíamos de visitar. Esse cemitério particular era nossa primeira parada.

- É dórica. – Uma garota indicou uma coluna de um monumento mortuário muito simples.

- Mas não apresenta ranhuras verticais – replicou um colega.

- Então deve ser toscana ou dórica modificadas – conjecturou outro membro do grupo.

Fiquei bem satisfeita por terem recordado a lição que já dera.

Um grupo tirava fotos de outro monumento, evidentemente com eles incluídos.

- *Señorita*, esta coluna é coríntia, não é verdade? – perguntou uma do grupo.

- O quê acha você? – respondi.

- É coríntia; tenho certeza – disse a garota. Veja as folhas de acanto e o arremate em espiral (referia-se à voluta?) – acrescentou a garota.

- Mas o estilo é da ordem romano composto – insistia outro aluno.

Bem; vamos tirar a foto e analisá-la mais tarde. Temos ainda muito a percorrer – sugeriu uma mente lúcida, enquanto víamos alguns colegas já na área mais afastada do cemitério.

Sorri levemente. Acredito que meus alunos não se davam conta que escutar esse tipo de conversa me agradava especialmente. Havia interação aluno-aluno; excelente maneira para aprender.

De volta ao ônibus e a ponto de deixar esse lugar, um dos alunos se fixou na estátua de Cristo ao lado de uma coluna claramente coríntia.

- Eh! Não vimos isso ali – expressou um aluno decepcionado.

- Nós já tiramos uma foto ali – gabou-se um colega de outro grupo, com um largo sorriso.

Continuamos a turnê, e nosso objetivo seguinte foi a *Casa Solariega de Justiniano*, bem ao lado da rodovia. A própria imponente estrutura era o perfeito material visual para a ordem “estilo composto”; de fato, havia ali toda uma “sequência de colunas”. Meus alunos observaram outras

³¹ Parque Comemorativo de Rolling Hills

vistas adicionais, como o descuidado velho chafariz e as gigantes caixas de água em áreas abandonadas, destinadas a armazenar água para regar os jardins. Lembravam-nos “a passada grandeza de Roma”. Algumas imaginações começavam a funcionar; alunos dando sua versão de como outras pessoas, passados anos, possivelmente tinham vivido em grande conforto sua existência, nestes mesmos lugares.

Nossa terceira parada foi a catedral. Após recomendar-lhes que fossem muito discretos, os alunos entraram silenciosamente na igreja. Ali tiraram fotos das colunas profusamente decoradas. Já entrando de novo no ônibus, um aluno viu uma coluna toscana, próximo da casa do bispo. Rapidamente tirou uma fotografia. Fiquei alegre com a sensibilidade dele com relação aos prédios dos entornos.

Quando o ônibus, a caminho do Capitólio da Província dobrou a esquina do Colégio da Consolação, eu lhes indiquei uma coluna grega de se destacava..

- É jônica, *señorita*. – Foi a resposta imediata de um aluno.
- Jônica modificada – reforçou outro – não tem caneluras.

Ao chegar à nossa última parada, o Capitólio, os alunos continuaram com suas fotos.

- *Señorita* – assim um dos alunos me chamou a atenção enquanto admirava a bela fachada do Capitólio – Esta foi uma turnê que valeu a pena!
- Sim, uma turnê Greco-romana – respondi, dando a cada uma das palavras uma ênfase associada a um sorriso de satisfação. Isto foi o que os alunos haviam lido no Boletim da escola naquele dia.
- Então, *señorita*, assim como em qualquer outra turnê, poderíamos terminar com uma paradinha no Mc Donald’s? Estamos com fome -. Esse aluno foi encantadoramente persuasivo.
- Sim, *Señorita*, por favooooor!! O restante da classe, em peso, apoiou a proposta.
- A maioria apóia a proposta? – perguntei, enquanto recordava a enorme contribuição dos antigos gregos ao mundo: a idéia de democracia.

- SIM! ! *Señorita!* – Ouvi um retumbante sim, claramente referendado pelas mãos erguidas.
- Está bem, vamos parar dez minutos no Mc Donald’s – anunciei aos jovens viajadores. Quando o ônibus estacionou em frente daquele monumento da alimentação, alguns alunos apontaram jocosamente para a entrada com uma observação: É do estilo dórico! Hahahá!

TUNAY NA INA ³²

Em colaboração com o Centro Cultural do Festival de *Sangandaan* das Filipinas, as classes de 8º Curso assistiram à projeção de um filme de 1939, intitulado “Tunay na Iná”.

O filme gira em torno de uma jovem mãe solteira cujo pai, rico e com o conservadurismo típico anterior à guerra, estava preocupado com manter sem vestígio de mancha o nome da família. Secretamente deu o bebê a um casal sem filhos. Anos mais tarde, esta criança, agora já com nove anos, foi objeto de uma incessante busca por parte de sua verdadeira mãe. Isto causou a uma briga e conflito dramáticos, principalmente de caráter emocional entre as duas mães. Daí o título do filme.

No musical, com um clone de *Shirley Temple*, estavam incluídos no elenco *Rosário Moreno*, *Rudy Concepción* e *Tita Durán*. Eu pessoalmente, nem mesmo ideia tinha de quem eram esses atores. Felizmente, uma pessoa do museu de Negros me informou sobre a garota de nove anos da história: “É a já falecida *Tita Duran*, mãe do famoso cantor de pop e rap, *Francis Magalona*”. Muito bem, pelo menos conheço *Francisco Magalona*. Pertence à minha geração.

E esta jovem geração que tenho à minha frente, como verão eles este filme? Quais poderão ser suas impressões?

Seguem alguns extratos de suas anotações de reflexão:

Amavail Valladolid: “Eu percebi que eles cantavam, tanto quando estavam tristes ou alegres. Sua música foi tão lenta, que a gente podia facilmente pegar sono”.

Jesus Malijan: O filme é bonito, mas um pouco aborrecido, porque é em preto e branco”.

Grachel Montebon: “Achei surpreendente que suas vozes fossem sempre em tons muito altos”.

Andeilyn Frias: “Executaram danças muito antigas. Cantaram canções há muito passadas. Cantam quando alguém morre”.

Janine Seminio: “As mulheres usavam vestidos filipinos, inclusive em casa”.

Maja Leeahrah Andoy: “Em tempos passados uma moça esperava que um rapaz viesse perguntar-lhe se aceitaria dançar com ele”.

Sergio Gelanga: “Não pude acreditar que ainda existisse uma cópia desse filme”.

³² Em português, “A verdadeira Mãe”

CARTAS DE 1942

“Para a próxima reunião, por favor, tragam duas folhas de papel de carta ou algum bloco de papel”. – Escrevi isto no quadro de avisos e de tarefas de casa do 8º Curso. E acrescentei: “Amanhã, vamos escrever cartas”.

Na realidade, eu estava pensando em uma atividade sobre a qual eu havia lido algo no Guia do Professor que acompanha nosso livro de textos. Essa atividade visa a colher opiniões dos alunos em sala de aula, e desenvolver sua capacidade de escrever. Contudo, eu estava determinada a modificar um pouco este exercício.

No dia seguinte, ao entrar na sala de aula, percebi imediatamente que alguns alunos com manifesto orgulho mostravam os blocos de papel de carta que tinham comprado. Vi dos mais bonitos e inclusive perfumados nas cadeiras de braços das garotas. Havia os de *Pinny Mu*, *Looney Tunes*, *Harry Potter*, *Peanuts Characters*, *Pooh Friends*, *Babysitter*, seguidos de blocos sentimentais de papel de cartas...”As rosas são vermelhas; as violetas são azuis...” Hmmm...que doçura! Esses podiam ser alguns dos pensamentos pessoais deles, refleti. Eu sei que as meninas pré-adolescentes adoram o colecionismo. A maioria dos rapazes tinham papeis de carta normais com um ou dois envelopes sobre suas cadeiras de braço. Sabiam que os papeis de carta com envelopes serviriam para sua finalidade; por isso lhes fiz um gesto de aprovação. Pensando bem, o tipo *Pinny Mu* para mim, não era apropriado.

Para dar o tom, e aquecer a atividade, coloquei a música “*I’ll be home for Christmas*”³³ de *Anne Murray*. Instantaneamente a música fez aparecer nos rostos e nos olhos de todos a euforia e o entusiasmo. Maravilhoso espírito este que o Natal traz consigo! Também eu lhes manifestei um sorriso de total apreço. Depois passamos ao que era para fazer:

“Imagine-se um dos lutadores da resistência filipina durante a invasão japonesa. Escreva cada uma uma carta expondo a seus familiares os motivos para integrar o movimento guerrilheiro”.

Depois de acrescentar alguns dados concretos, os alunos começaram a trabalhar. Contudo, ainda tive de responder a algumas perguntas: Posso escrever só para minha mãe? Devo indicar nosso verdadeiro endereço? Poderia escrever a minha esposa?

Minutos mais tarde lhes falei: Por favor, apressem-se; ali estão chegando os japoneses! Temos de abandonar o acampamento. Rápido! rápido!– Os alunos rapidamente enfiaram suas cartas, assim como estavam, em um envelope marrom com o sobrescrito CARTAS DE 1942.

Após dois a três minutos, *Dona*, minha professora-estagiária, entrou com o mesmo envelope marrom em que foram postas as cartas e a caixa. – Anunciou: “Cartas dos seus familiares”.

Uh! Eu pensei que seria a senhora *Dara* que haveria de ler as cartas de vocês!” - Logo, ao acaso, fomos distribuindo as cartas a todos os alunos, cuidando para que nenhum deles recebesse aquela que acabara de escrever. Seguiram-se primeiramente risos e gracejos como: Oh! Que pena! Mas todos leram calma e seriamente as cartas que receberam.

³³ Estarei em casa para o Natal

Nossa atividade de escrever cartas ainda não terminara. Para desenvolver o senso de empatia entre eles, eu lhes pedi que respondessem adequadamente a carta que cada um tinha recebido. Com menos demora, esta vez, eles trabalharam na tarefa proposta.

No fim do dia, minha professora-estagiária e eu tivemos a satisfação de abrir e de ler as “cartas de guerra”, com suas respostas correspondentes.

Vou compartilhar umas poucas dessas cartas com vocês, leitores. Algumas podem ser comovedoras e sérias.

21 de dezembro de 1942.

Querida mamãe e querido papai::

Espero que todos estejam bem. Cuidem-se e sejam fortes nesta guerra que o mundo está travando.

Quero apenas dizer-lhes que me vou integrar no movimento guerrilheiro.

Não faço isto porque sou ou queira vir a ser uma heroína, mas porque quero ajudar a salvar nossa pátria e deter a ameaça que paira sobre nós. Vocês talvez me digam: "Reze sempre à noite pedindo segurança". Eu lhes garanto que rezo, mas não posso prometer que volte para casa sã e salva. Não se preocupem. Sei que Deus me guiará. Mantenham-se seguros e rezai sempre.

*Sua filha
Juliana (Pineda)*

Querida Juliana:

Como está você? Tenha cuidado. Não quero perder outro filho. Você é o única que nos resta. Por favor, tenha cuidado. Volte. Necessitamos de você em nossas vidas. Rezaremos ao Senhor para que a guie sempre.

*Com carinho,
Papai e mamãe (Ervin Anglo)*

* * *

14 de dezembro de 1942

Querida mamãe:

Não sei se ainda estarei vivo quando você receber esta carta. Só espero que você esteja a salvo. Temos de liberta-nos dessa ameaça estrangeira. Estão roubando e arrebatando nossos recursos naturais e humanos, e causando muito dano a nós e a nossos vizinhos. Quanto mais lutaros e destuímos suas provisões, tanto mais abusam do nosso povo. Só posso pensar em expulsá-los do nosso país. Parece impossível, mas Deus nos libertará logo.

*Sinceramente seu,
Francis (Grupe)*

Querido Francis:

Espero que você receba esta carta a tempo. Eu não posso detê-lo. Se é de sua vontade, vá adiante. Sou muito orgulhosa de você, filho, e de nosso país. Espero que seu grupo triunfe e derrote os japoneses. Reze a Deus e sempre se recorde de sua família; ela também está orgulhosa de você; contudo, desejo e espero que possa voltar para casa sã e salvo, para contar-nos o que aconteceu durante sua luta contra os japoneses. Faça tudo por nós! Viva Filipinas!

Sua querida mãe.

* * *

Outras cartas eram simplesmente divertidas:

16 de dezembro de 1942

Querida família:

Sinto muito não estar aí com vocês no Natal. Irei para as montanhas para integrar-me ao movimento guerrilheiro. Sei que vocês não estão autorizando meu alistamento, mas, para mim é a última oportunidade que nós, filipinos, temos para lutar. Perdoem-me todo mal que eu lhes causei. Estou arrependido por todas as mentiras que lhes preguei e pelas farras em que estive metido. Mamãe, talvez hoje, ou amanhã, estarei morto, mas estarei sempre a seu lado.

Papai, estou arrependido de ter levado seu rifle. Eu lho devolverei, no caso de permanecer vivo. Se não puder devolvê-lo, por favor, recolha meu testamento de debaixo da minha cama.

*Adeus! Eu lhes quero muito,
Alvin (Agustín)*

Querido Alvin:

Sua carta me parece maravilhosa. Cuide-se para estar bem e posto a salvo. Esteja alerta a qualquer perigo. Seja como se sente, e por isso, eu o animo a integrar o movimento. Lutar por nossa pátria é o mais acertado. Marche e dê um pontapé no traseiro dos japoneses.

*Sinceramente seu,
Seu pai (John Lumannag)*

* * *

16 de dezembro de 1942

Queridos pais:

Não fiquem tristes por aquilo que me acontecer. Vocês sabem que eu queria integrar-me no movimento, porque quero ajudar a meus compatriotas filipinos a reconquistar nosso território. Os japoneses nos impediram de fazermos frente a todas as nossas necessidades, como alimento, água, roupa, e um lugar para morar. Eu me sinto muito só, mas penso que estamos agindo corretamente por nossa pátria.

Espero que vocês estejam bem e com boa saúde. Sentirei pena se não puder ir para casa neste Natal, mas com certeza estarei lá se a guerra tiver terminado. Os japoneses estão vigilantes, mas prometo cuidar-me.

Cuidem-se vocês também.

*Sinceramente seu,
Andeilyn (Frias)*

Meu querido Inday Andeilyn:

Kung sawn ka masaya, supportahan to ka! (Onde quer que você esteja, eu o apoiarei!) - Outra tradução: (Seja feliz onde estiver, eu estarei com você de todo coração!)

*Com carinho
Roberto*

LOLA CORAZÓN

Para enriquecer nossa lição sobre a 2ª Guerra Mundial, pensei em convidar alguém para uma palestra a minhas classes de 8º Curso. Quem? Da maneira mais natural me veio à mente um veterano combatente de guerra.

Esta vez, porém, acreditei que meus alunos teriam mais proveito em conhecer os horrores da guerra do ponto de vista de uma pessoa civil. Quem poderia ser a pessoa indicada para partilhar sua experiência com os jovens?

Lola Corazón. É assim que carinhosamente eu chamo *Tita*, quando falo com ela; e *senhora Zayco* quando falo dela. Para meus alunos, seria *Lola Corazón*.

Lola Corazón, anos atrás fora minha hospedeira. Quando decidiu abrir sua magnífica casa às de fora da cidade de *Bacolod*, a maioria delas eram alunas de colégios. Eu fiz parte das primeiras nove internas que foram admitidas. Aquela foi a minha casa durante sete anos.

Agora, com seus 87 anos de idade, *Lola Corazón* ainda se mantém mentalmente aguçada, atenta a tudo o que é importante. Lê diariamente os jornais, assiste aos programas da CNN e às telenovelas, auxilia seu grupo de estudos da Bíblia duas vezes por mês, e nunca falta à missa nos domingos e dias santos declarados de solenidade pela Igreja; também nunca deixa de visitar o salão de beleza. *Lola Corazón* é um exemplo de como chegar airoso à velhice.

Eu tive a convicção absoluta de que ela poderia dar o melhor testemunho. Por quê? Não só porque ela era capaz de falar durante duas horas sem se cansar, mas também porque seu auditório, de jeito nenhum se haveria de aborrecer. Por cima, o que ela tinha de essencial, era que, aquele que tinha sido seu esposo durante cinco anos, fora executado pelos japoneses, durante a libertação de Manila. Ela ficou viúva aos 28 anos.

Todavia, dei-me conta que apesar de *Lola Corazón* ser mentalmente hábil, seria difícil para ela subir os três lances de escada até chegar às minhas classes Q e B do 8º Curso.

- Por que não levar meus alunos à casa dela? – Tendo em conta que ela morava no outro lado da rua, pedi-lhe permissão para levar minhas duas classes para sua casa. Ela aceitou de muito bom grado. – Preparei meus alunos para o encontro com *Lola Corazón*. Mencionei-lhes as realizações dela, e solicitei que preparassem, por escrito, pelo menos duas perguntas para fazer a ela. Lembrei-lhes, também, que trouxessem a permissão de seus pais, devidamente assinadas. Esta era uma exigência, mesmo que o local a visitar, estivesse distante da escola só a um arremesso de pedra.

Marquei dois horários, um depois do outro, para minhas duas classes, com um intervalo de trinta minutos, para não cansar a voz, e solicitei a dois atendentes do Colégio que levassem um toca-discos e um microfone para a casa.

Ao chegar à casa de *Lola*, verifiquei que a ampla sala havia sido esvaziada de alguns móveis para fazer lugar para meus quarenta alunos. O sofá e a mesa de centro tinham sido postos a um lado. Distribuí os alunos sentados no soalho. *Lola Corazón*, ainda elegante com seus 87 anos de idade, desceu de seus cômodos, para se encontrar com os alunos.

Ela tinha sido professora em anos anteriores à guerra. Mas interrompeu esta profissão ao casar com o senhor *Laguda*. Sentou-se no sofá em frente de todos. Expressou aos alunos que se sentia muito feliz e à vontade por ver novamente alunos à sua frente.

Foi um espetáculo maravilhoso para os olhos e um momento para recordar com prazer! A anciã de 87 anos compartilhando sua vida e experiências de meio século e uma década atrás, com adolescentes bem comportadinhos de 13 anos, sentados no soalho em frente dela. Iniciou com uma breve introdução sobre a ambição de Hitler e sobre como as Filipinas foram envolvidas na Guerra.

Depois lembrou vividamente como sua família se mudou de *Iloilo* para *Bacolod* quando a guerra estourou. Para provimento de alimentos e para sua segurança, eles se retiraram para sua fazenda em San Carlos City, ainda na Negros Ocidental. Narrou como um comandante japonês “comprou” seu grande paiol de milho por apenas 700 ienes. Eles simplesmente não puderam sequer dizer “não”.

Depois descreveu a meus alunos como ela, já grávida de cinco meses, teve de viajar a Manila num barco de pesca. Para evitar possíveis submarinos, tiveram de navegar a maior parte do tempo perto das praias. Necessitaram de 13 dias para chegar a Manila. Treze dias! Os alunos reagiram incrédulos. Ela relatou também seu encontro casual com seu irmão *José*, que acreditava perdido havia muito tempo. Ela estava fazendo seu passeio matinal nas ruas de *Malate*, um exercício para a futura mãe, quando por acaso, à distância avistou aquele homem emagrecido, mas cujo jeito de caminhar lhe era tão familiar. Aconteceu que era seu próprio irmão, que sobrevivera à infame Marcha da Morte. Que encontro! (Esse irmão, *José Segovia*, concluiu depois sua carreira de engenharia e foi presidente da Universidade FEATI³⁴).

Lola Corazón lembrou também seu agradecimento aos japoneses quando cercaram sua casa e permitiram a ela e a outras mulheres e crianças que se refugiassem no Hospital Geral das Filipinas. Chegaram a saber por meio de alguns filipinos que os americanos estavam entrando em Manila. Confessou que ingenuamente acreditava que seu esposo e o resto dos homens os seguiriam. Foi a última vez que viu seu esposo.

Sim, seu irmão e um jovem empregado puderam segui-las mais tarde, mas não seu querido esposo. *Lola* contou como ficou emocionada ao ver seu irmão e seu empregado.

- Onde está *Aquiles*, teu irmão mais velho? –perguntou ansiosa ao empregado. Sem rodeios, o rapaz simplesmente respondeu: “Foi executado a baionetadas pelos japoneses”.

O mundo de *Lola Corazón* se desmoronou.

Analisando o acúmulo de emoções gravadas nos rostos de meus alunos, percebi que haviam assimilado o relato pessoal de *Lola Corazón*. Seus rostos jovens plasmavam a realidade e a realidade dos horrores da guerra.

Algumas perguntas redundaram comovedoras: “Como reagiu a senhora em face da morte de seu esposo? Encontrou mais tarde o corpo dele? Como seu irmão conseguiu escapar?”

Depois fez os alunos passar para a parede recoberta de fotografias em preto e branco. Ali mostrou seu esposo. Ele aparentava ser muito elegante aos 30 anos de idade, de acordo com a fotografia. (Que belo material visual! Acabada toda a atividade, senti-me satisfeita pela idéia de não realizá-la na sala de aula, mas na própria casa da palestrante).

Finalizamos a visita, e o representante das turmas fez o agradecimento a *Lola Corazón*. O tesoureiro da classe entregou a ela uma cesta de frutas. Ao recebê-la, *Lola* se deve ter sentido um pouco aflita, por nos termos molestado para lhe comprar um presente. Tivemos de dizer-lhe que não gastamos muito, não.

³⁴ FEATI (Far Eastern Air Transport Incorporated) é uma instituição universitária católica.

Para concluir, ela disse mais algumas palavras, e os alunos expressaram mais uma vez sua gratidão. Todavia, pareciam um pouco relutantes para se retirarem. Davam voltas e voltas formulando mais perguntas. *Lola* se mostrou mais que disposta para satisfazê-los. Sentia-se imensamente feliz por conversar com jovens. Eu tive de lembrar aos alunos que ainda havia outra lição a assistir na sala de aula .

Voltamos à escola caminhando. Dei-me conta, então, que eles se haviam encantado com *Lola*, assim como eu mesma. Falaram dela ao longo de todo o caminho, de seu vigor, seu ânimo, sua amabilidade. Eu me sentia contente, sobretudo porque o tema da 2ª Guerra Mundial já não estava tão distante, tão irreal para esses jovens. A bela e graciosa *Lola Corazón*, que tinha experienciado tudo isto, mora sozinha, no outro lado da rua.

LIÇÕES DA 2ª GUERRA MUNDIAL

Será que os jovens, a denominada Geração X, são capazes de interiorizar as lições e emoções daquilo que na história é conhecido como a Segunda Guerra Mundial? Eu gostaria de averiguar isto.

Depois de nossa lição sobre a 2ª Guerra Mundial, com a projeção de um filme sobre o Bombardeio de *Pearl Harbor* , um testemunho, e o exercício de escrever cartas, propus esta questão: “Supondo que você fosse membro da guerrilha durante a 2ª Guerra Mundial, e recentemente fosse convidado a proferir uma palestra a um grupo de estudantes do Ensino Secundário, quais lições você gostaria de partilhar com eles? “

Fiquei agradavelmente surpreendida com a sensatez dos jovens. Apresento aos leitores, literalmente, algumas das respostas dos alunos:

- Você não deveria permitir que seu inimigo chegasse a saber onde você está, e onde reside sua família. Também deveria escrever a sua família, enviando notícias por um mensageiro particular do grupo, porque senão, sua família ficará preocupada, e algum dos seus poderia morrer devido a tanto sofrimento” (*Rafael Nonato*).
- “Defenda sempre aquilo em que você crê” (*Katrina Tirthdas*).
- “Não importam as dificuldades da vida. Existe alguém que nos ama e cuida de nós: Nosso Senhor” (*Reilly Macairan*).
- “Nenhum país deveria invadir outro” (*Grachel Montebon*).
- “Para sobreviver é preciso que todos se ajudem mutuamente” (*John David Lizares*).
- “Você não deve compadecer-se de si mesmo e perder sua autoestima. Se fizer isto, os japoneses facilmente lhe poderão causar danos” (*Yeana Alon*).
- Ânimo. Sem coragem eu não poderia lutar. Nunca me veio à mente rezar a Deus para continuar a viver. Mas rezar a Deus, pedindo-Lhe que me dê ânimo para lutar por meu amado país tem sido uma constante de cada dia” (*Jancy Uychiat*).
- “Você tem de trabalhar duro para viver. Se você se encontrar num esconderijo e não fizer nada, passará fome” (*Yeana Alon*).
- “Não seja parasita alimentando-se de sangue, suor e trabalho dos que têm uma vida e um futuro” (*José Hedriana*).
- “Devemos amar nosso país, pois não poderemos ser reconhecidos neste mundo se não tivermos uma pátria” (*Jarvin Aboy*).

- “Seja esperto. Não seja impetuoso nas lutas. Isto só o levaria a uma morte rápida.
- “Tenha fé e confiança em seus amigos e aliados, mas seja prudente; poderia haver um traidor” (*José Hedriana*).
- “Nunca recorra a meios drásticos de desforra; se você recorrer a esses maíos não será diferente deles (os japoneses)” (*Francis Grupe*).
- “Quando você estiver em guerra, não odeie a raça; odeie aqueles que declararam a guerra. Nenhum soldado gosta da guerra. Inclusive, os soldados mais vigorosos temem por suas vidas” (*James Kotaro Yayoshi*).
- “Contanto que o amor e a dignidade estejam em seu coração, ninguém poderá destruí-lo” (*Sergio Gelanga*).
- “Nunca permita que alguém lhe cause dano. Se você não atuar quando alguém lhe causar dano, você será tratado assim pelo resto de sua vida” (*Greslie Lagunday*).
- “Nossa pátria é o lugar onde nascemos e crescemos. Por quê atraí-la quando podemos lutar por ela?” (*Louis Wenceslao*).
- “Mantenha sempre a esperança, convencido de que sempre existe uma maneira de sair das situações difíceis” (*J. N. Oliver Villanueva*).
- “A guerra nunca é boa. Nela você perde muitas coisas; sobretudo, entes queridos. E, às vezes, o seu juízo” (*James Kotaro Yayoshi*).

Depois de ler as lições aprendidas em nosso tema, percebi que os pontos de vista destes jovens refletem os de uma geração que, não somente compreendeu os horrores que a nação sofreu durante esse período, mas que, inclusive, poderia identificar-se profundamente com essas pessoas e com suas emoções.

Para um(a) professor(a), esta formação em interioridade e empatia profunda entre os jovens, que ultrapassa os níveis do conhecimento e da compreensão, é sempre uma grande satisfação. Momentos como esses fazem do ensino uma profissão confortadora.

Ademais, não só achei as reflexões de meus alunos dignas de serem citadas, mas também sutilmente relevantes para a vida de hoje. De minha parte, lê-las é também aprender. Muitas vezes, meus alunos também têm sido meus mestres.

Obrigado, queridos alunos.

CANÇÃO HINDU

Durante uma lição sobre a Antiga Índia ao 10º Curso, ensinei a meus alunos uma canção hindu muito comovedora, de apenas quatro linhas, e apenas três palavrinhas. Aprendi essa canção em nossas assembléias dos *Signum Fidei* no *La Salle Dasmariñas* :

Om nama Shiva
Om nama Shiva
Om nama Shiva
Shiva om nama

Os alunos ficaram encantados com a canção, sobretudo quando face a face com seus colegas. Nós a cantamos lentamente, primeiro com as mãos erguidas, depois cruzadas sobre o peito. Na última linha inclinavam a cabeça e ficavam com os olhos fechados como se fossem monges, mesmo que, nas primeiras vezes mais pareciam budas risonhos que monges sérios.

Meus alunos se emocionaram quando lhes dei a tradução inglesa. (No caso dela talvez fosse em espanhol; no nosso, em português. Espero que seja correta).

The God in me greets	El Dios que vive en mi	O Deus que vive em mim
the God in you.	saluda al Dios que vive en ti.	saúda o Deus que vive em você.

Cerca de duas semanas depois foi feito um teste sobre o tema “ a Civilização Chinesa”. O silêncio da classe foi interrompido por um muito suave murmurinho *bocca chiusa*, da melodia de “Om nama Shiva” por um dos rapazes.

Muito de leve me cheguei perto dele, e brandamente lhe pedi que silenciasse: Desculpe, já não estamos na Índia. Agora estamos na China”. – Sem perder o ritmo, passou a “*Kwang Chong le hong shi...*”, ou a algumas palavras chinesas sem sentido, pronunciadas por quem não fala chinês, mas ainda com a melodia de “Om nama Shiva”.

Mesmo que estando a realizar um teste de avaliação, de História das Civilizações, todos na sala, incluída a professora, nos esforçamos para reprimir uma gargalhada.

RESPOSTA VALENDO 50 PONTOS

Eu estava apresentando o tema de “A Constituição” em minha aula de Ciências Políticas, um dos temas optativos do 11º Curso. Como motivação para a lição, formulei perguntas à maneira do “Jogo-concurso Ka Na BA”.³⁵

“Quantos artigos figuram na Constituição de 1987?” – “O que diz o artigo 5º?” – “E o artigo 6º?”
 Prossegui aumentando a pontuação numa graduação de níveis diferentes de dificuldade, especialmente para perguntas que não se respondem sem titubeio. Algumas perguntas subiram a dez ou quinze pontos, desde os normais de dois a cinco pontos. Agora, quase todos na classe estavam atentos a cada palavra que proferia, esperando pela pergunta “difícil”.

Repentinamente falei: “Por cinquenta pontos... quem é capaz de recitar o Preâmbulo?”

Todos na classe riram. Essa era uma pergunta duas vezes difícil. Enquanto alguns resmungavam entre os dentes que não podiam recordá-lo inteiro, que isso fora a última coisa que viram em seu primeiro ano de Estudos Sociais, uma mão se ergueu agitada energicamente no ar.

- *Señorita! Señorita!* – *Rexel* estava erguendo a mão com entusiasmo. – Toda a classe se virou para ele, impressionada e incrédula ao mesmo tempo.

- Sim, *Rexel*, venha para a frente!

Realmente, sem pestanejar, sem um mínimo erro, e sem deixar fora uma única palavra, *Rexel* recitou perfeitamente todo o preâmbulo.

...E conseguiu os cinqüenta pontos.

A TERCEIRA REPÚBLICA

Para tornar mais pessoal e interessante a lição sobre os diferentes governos, sugeri uma representação por equipes. A classe foi dividida em pequenos grupos. Primeiramente tentamos selecionar seis presidentes. Fixando os olhos nas fotografias dos presidentes em seus livros de texto, os alunos deram umas voltas na sala, para comparar os rostos das fotografias com os rostos dos colegas.

- Olhem para ele...é parecido com *Roxas!* – falou um aluno precipitadamente.

- Não, ele se parece mais com *Quirino* do que com *Roxas!* – replicou outro.

- E *Cyrus*, que tal? – Poderia ser *Magsaysay*. - Quase todos estiveram de acordo depois de comparar as ilustrações de seus livros de texto com o rosto de *Cyrus*.

Por vezes, algum aluno cobria o rosto com vergonha real ou fingida.

Fixem o olhar nos olhos ligeiramente achinesados do *John*. – Todos se voltaram para olhá-lo.

³⁵ O Ka Na Ba veio a ser um jogo televisivo de perguntas e respostas com nível ascendente de dificuldade, tipo do “o céu é o limite, de anos atrás, na nossa TV. No final, o concursante volta para casa muito rico, ou com um prêmio ridículo: um tomate, um saquinho de areia...”

- Sim; este pode ser *Marcos* !- Um sorriso de aprovação selou a sorte de seu colega naquele dia.

Após gastar quase a metade do tempo da lição com uma boa dose de brincadeiras, argumentações e muitas risadas, saíram eleitos seis antigos ocupantes do *Malacahang*.³⁶

Pedi, então aos seis presidentes, que se colocassem de pé, em diferentes lugares da sala de aula. Fila por fila, pedi aos seus colegas que cada um se colocasse junto do presidente de cuja administração mais lhe agradaria participar.

Quase me arrependi de sugerir essa modalidade de agrupar, porque me dei conta de que entre eles estavam os mais e os menos populares. Passado um breve tempo, um presidente já continuava de pé sozinho. Tentei ler a linguagem secreta de seu rosto, e fiquei aliviada, porque me pareceu que ele tomara tudo com bastante naturalidade. Desde o outro lado da sala, seu sorriso parecia confirmar: eu estou estupendamente O.K.!

- Na realidade, um bom número de presidentes não foram precisamente populares – falei em voz alta, sem mencionar a nenhum em particular.

Mas, tomando em conta que só seriam permitidos sete ou oito membros em cada grupo, alguns colegas não ocultaram seu desagrado e se passaram a outro grupo incompleto. Por fim, inclusive o presidente menos popular, tinha sua equipe de simpatizantes e seguidores.

Em pequenos grupos elegeram dentre si mesmos, agentes de polícia, conselheiros presidenciais e porta-vozes para preparar um informe - um discurso sobre o estado da nação, junto com um discurso de posse e um fórum aberto.

Estabeleci as normas de funcionamento, o tempo de apresentação de cada grupo e os critérios de avaliação. Logo, todos começaram a organizar-se.

Perto do final da lição, uma “conselheira presidencial” se aproximou de mim.

- *Señorita*, haveria algum inconveniente se *Arrah* e eu dançássemos o *Otso-Otso* antes de o Presidente *Magsaysay* fazer seu discurso?

- O *Otso-Otso* no tempo de *Magsaysay*? - Não pude evitar um sorriso.

Acredito que ela também achou graça em seu pedido, pois ela também sorriu comigo.

Momentos depois, expliquei: - *Leeahrah* , aprecio sinceramente seu senso de criatividade, mas com o tempo limitado de cada grupo, vamos deixar que a apresentação de seu grupo se concentre nos programas importantes do Presidente *Magsaysay*, e em como afetaram o público filipino, especialmente aos pobres. Vocês podem incluir os antecedentes pessoais e familiares dele, mas, por favor, ressaltem o programa de governo do Presidente.

- Sim, *señorita* -. E ainda sorrindo retornou a seu grupo.

³⁶ Nome do palácio presidencial.

Pessoalmente divertida, eu só pude menear a cabeça, mas com um certo ar de tristeza. Preocupava-me ver como ficaria difícil para os jovens separar um tema de governo com aquilo que é um espetáculo, e vice-versa. Repugna-me admiti-lo, mas a arte de governar bem, como ocorre com o “*dugong*”³⁷ filipino, está a ponto de se extinguir.

“*Otso-Otso?*”³⁸ Só consegui esboçar um sorriso irônico.

GAFES PRESIDENCIAIS

“Senhoras e senhores, sua excelência o Presidente *Roxas*! Um forte aplauso, por favor”.

Juan Pablo estava muito elegante com seu fraque e gravata-borboleta quando entrou na sala de aula após ser anunciado. Seus colegas eram todos contentamento, aprovação...enquanto aplaudiam; ele próprio, porém, não alterou seu porte tranquilo e sério.

Apesar de a encenação ter como palco a sala de aula, me certifiquei que o grupo tratasse a “Administração do Presidente” como era merecida.

Cada classe de Estudos Sociais indicou rapazes para levar um atril emprestado pelo vice-diretor, um grande caraoquê (toca-discos) e um microfone com pedestal, do Departamento de Recursos Audiovisuais. Um grupo criativo copiou cuidadosamente o selo presidencial, e o colocou no atril antes da encenação.

Com exceção de um presidente que se desculpou por apresentar-se com uma camisa polo branca, todos entraram com seu elegante *barong*”³⁹, ou com traje e gravata.

Após a costumeira apresentação da família do Presidente e de seu histórico acadêmico, esperava-se que o Presidente pronunciasse seu discurso. Mas, o que meus alunos esperavam mais ansiosamente era a oportunidade de fazer perguntas. Duas razões óbvias para esse interesse eram: comprovar o domínio de seus companheiros sobre a administração atribuída, e obter muitos pontos concedidos a cada pergunta “sensata” formulada. Contudo, alguns insistiram que a eles só interessava o saber pelo saber.

Algumas perguntas pareciam muito ingênuas e divertidas, bem como as respostas solicitadas aos seis presidentes da república.

Ao Presidente Roxas:

P. (pergunta) – Senhor Presidente: Qual foi a causa de sua morte?

R. (resposta): - Tive um enfarte na Base Aérea de Clark.

Ao Presidente Quirino:

P. : Em que consiste o acordo Quirino-Foster, assinado por Vossa Excelência?

R. : Você permite que meu porta-voz responda a sua pergunta?

³⁷ *Dugong* – Dança popular surgida em torno de 2006, em que os participantes movem os quadris, tentando representar com seu corpo o número oito,

³⁸ *Otso-Otso*, animal marinho herbívoro. É o sirênio (mamífero aquático) atual, de tamanho mais pequeno, ún cio representante de seu gênero e em perigo de extinção

³⁹ O *barong*, também denominado *Barong Tagalog*, é um componente principal do traje nacional e vestimenta forma dos homens filipinos.

Porta-voz: Talvez o Conselheiro possa ajudar.

Conselheiro: Acredito que o acordo obteve com resultado algo valioso para as Filipinas.

Ao Presidente Magsaysay

P. : Senhor Presidente, para que serviu “basi”⁴⁰ aos delegados estrangeiros durante sua tomada de posse?

R. : Porque gosto dos produtos filipinos (Esta resposta provocou uma salva de palmas).

P. : Sua excelência, algumas vezes teve amantes?

R. : Nunca! Sempre fui fiel a minha esposa (Outro aplauso de seus companheiros).

Ao Presidente García

P. : Senhor Presidente, por quê Vossa Excelência não veste seu *barong*?. Não se sente orgulhoso de ser filipino? Não foi sua a ideia de “ o filipino em primeiro lugar”?

R. : Eu, simplesmente, fui influenciado pelos americanos.

P. : Como V. Excia se sentiu quando soube que o avião do Presidente Magsaysay havia colidido no ar?

R. : Evidentemente, eu fiquei triste. Era um amigo. Mas logo me alegrei, porque assim eu chegaria a ser Presidente.

Ao Presidente Macapagal

P. : Senhor Presidente: Gloria Macapagal Arroyo é filha sua, de sua segunda esposa. Qual foi a causa de morte de sua primeira esposa?

R. : Faleceu de subnutrição. (Inicialmente a classe não pôde acreditar, mas depois se lembraram que a mãe de Macapagal tinha sido lavadeira. Por isso, não fizeram comentários).

P. : Quem foi o irmão mencionado por seu porta-voz, Senhor Presidente?

R. : Sinto muito, mas esqueci o nome de meu irmão. (Deveras? Que classe de irmão é V. Excia? Os interrogadores se mostraram implacáveis).

P. : Por que V. Excia. Não traja seu “barong” hoje?

R. : Sinto muito; é que esqueci de levá-lo à lavanderia.

P. : Por quê V. Excia. reduziu o sistema de câmbio do peso filipino?

R.: Não fiz mais que obedecer ao Fundo Monetário Internacional e ao Banco Mundial.

Ao Presidente Marcos

P. : Senhor Presidente, por quê V. Excia. matou a *Julio Nalundasan*?

R. : Eu não o matei. Isto é uma mentira.

P. : Por quê autorizou o assassinato de Ninoy?

R. : Outra vez lhe digo, não é verdade. É um rumor sem fundamento.

P. : Senhor presidente, por quê proclamou a lei marcial?

R. : Anda não proclamei a lei marcial. Lembre-se que este é o meu primeiro mandato e não tenho nenhuma intenção de fazê-lo.

- Uma última pergunta, por favor. O Presidente tem de atender outros compromissos. – Com estas palavras, o porta-voz finalizou o fórum aberto.

O Presidente saiu da sala e tirou seu “barong”.

⁴⁰ Basi = Bebida alcoólica fermentada, elaborada a partir da cana de açúcar, muito popular nas Filipinas.

A PALESTRA GRAVADA EM VÍDEO

Para cumprir uma das exigências do terceiro trimestre, a classe optativa de Ciências Políticas se dividiu em três grupos para preparar uma palestra gravada em vídeo sobre um tema previamente marcado. Com o livro de textos sobre a Constituição das Filipinas como guia, se envolveram no projeto.

Na data fixada, encontrei duas fitas de vídeo em disco compacto e uma de VHS sobre a mesinha do meu escritório; ou seja, projetos concluídos. Devido à brevidade do horário não pude visualizá-las naquele mesmo dia. No dia seguinte, durante um descanso, quatro alunas de ciências Políticas se chegaram a mim perto do bebedouro.

- *Señorita*, você já deu uma olhada no nosso vídeo? – perguntou *Arian* entusiasmada. Quatro pares de olhos brilhantes, com mal dissimulado entusiasmo, me estavam comendo com os olhos.

- Bem, ainda não. Mas, tenho uma vontade louca para vê-lo. Farei isto hoje à tarde. E, na segunda-feira o veremos na sala de aula – respondi.

- Vamos vê-lo em nossa sala de aula? Oh, não! Por favor, não o exiba na sala de aulas, *señorita*. Nós vamos morrer de vergonha. *Señorita*, não, por favor! – As quatro, literalmente estavam suplicando.

Para mim, aquilo não era normal nelas. Elas eram da “melhor sociedade” e as “melhores alunas no curso anterior, seu terceiro ano de inglês, e tinham seguido lições de filmagem, nada mais nem menos que com o diretor *Peque Gallaga*, como conferencista convidado. Por que agora teriam elas tanto medo de fazer ver sua palestra gravada? Fiquei um tanto confusa.

- Mas, por quê não? Será que há cenas de sexo dentro do Departamento Executivo? Vamos lá, meninas! Tentei forçá-las a responder a um desafio, porque pareciam sérias e assustadas.

- *Señorita*, pelo menos veja-o antes. – Estavam novamente sérias.

- Está bem, esta tarde farei isto – prometi.

Começaram a subir a escada rumo à sua sala de aula. De repente, *Kristel* e *Marichelle* voltaram correndo, e suplicaram novamente:

- *Señorita*, se realmente tivermos de vê-lo na sala de aula, diga-nos quando será para que possamos ausentar-nos nesse dia. – Despedi-me delas com um sorriso.

Nessa tarde fui à sala de recursos audiovisuais para ver a fita.

- O quê poderiam elas estar temendo por toda a classe ver o conteúdo do filme e ouvir a palestra? - pensei . Agora chegara a minha vez para ficar nervosa.

O vídeo iniciava com uma bonita faixa sonora com os nomes dos participantes na tela. A POLÍTICA HOJE era o título de sua palestra. Apareceu o belo rosto de *Kristel*. Logo, ela será a apresentadora do espetáculo. Seu estúdio era uma grande sala de estar.

- Em casa de qual colega será que elas realizaram a gravação? – me perguntei.

Quando *Kristel* apresentou uma das convidadas, uma advogada, apareceu *Marichelle*, tão bem trajada como elegante, com as pernas cruzadas, sentada em uma majestosa cadeira.

Um momento. Ela tinha trocado de sobrenome. Foi apresentada como a esposa de *Atty*, seu colega na mesma classe de Ciências Políticas.

Ahá! Agora entendo. Essa era a razão de seu receio. Junto com *Mark*, outro “advogado” discutiu qualidades do Presidente e do Vice-presidente da República.

Depois cederam a palavra aos convidados especiais.

Pelo candidato presidencial, *Fernando Poe Jr.*, entra em cena *Jeric*, um colega de classe, de estatura alta e elegante, com óculos escuros. Por sua excelência, a Presidenta *Gloria Macapagal Arroyo*, sua colega *Alaine* faz ato de presença, totalmente igual a Gloria Macapagal, com sua pose e estatura, e uma pequena pinta em forma de meia-lua bem colocada.

Fiquei totalmente bem-impressionada pela criatividade do grupo, tanto na parte decorativa como no conteúdo da palestra e da maneira como elas a interpretaram. Mais ainda, quando *Arian* apareceu na tela com um microfone pelas ruas de Bacolod, com os automóveis passando rente a ela, pedindo a alguns “moradores” que formulassem perguntas aos convidados de seu espetáculo. *Madre mia!!* Parecia autêntica! Ela poderia passar por uma repórter de notícias da ABS-CBN. A movimentação da câmera redundou simplesmente esplêndida. *Kevin* foi o *camera-man*. Isto eu haveria de averiguar mais tarde.

Com “*Câmbio, Kristel*”, *Arian* concluiu sua reportagem direta, ao vivo.

O espetáculo finalizou com a entrega de ramos de flores às convidadas. Na lista do elenco e na rol dos agradecimentos li o motivo de receio das garotas. Exceto no caso de *Holly*, todos os sobrenomes das garotas apareciam trocados por nomes de colegas masculinos: seus namorados.

A palestra gravada era demasiadamente boa que ser mantida oculta numa gaveta. O projeto visava a ser o ponto de partida para uma discussão ampla sobre os Setores do Governo. Para isto, programei sua apresentação à classe, mas tentei suavizar o impacto da “permuta de nomes”, motivo do desassossego das garotas.

Quando a projeção do filme esteve a ponto de iniciar, as garotas concernidas estavam muito silenciosas; nervosas, acredito. Mas, o início foi recebido com “ohs!” e “ahs!”, e a apresentação de *Marichelle* como a esposa de...foi abafada por ruidosos comentários e risos dos espectadores. Observei o alívio de *Marichelle*. Podia agora sentar-se tranquilamente.

Antes que na projeção do vídeo fosse mostrado o elenco dos atores, pelo interfone eu estava pedindo ao pessoal dos Recursos Audiovisuais para que a desligassem, e, ao mesmo tempo, tentei encobrir a tela de TV com meu corpo. Tinha em mente unicamente livrar as garotas de um evidente apuro. Alguns espectadores reagiram: - *Señorita*, acreditamos que ainda não acabou.

- Tratava-se simplesmente dos nomes... – olhei para as preocupadas garotas e sorri. E elas me retribuíram um sorriso de conivência.

Ah! A terna inocência da juventude e do amor juvenil; algo para apreciar e guardar intimamente no âmago mais profundo do próprio coração. Em anos vindouros, essas recordações da escola secundária retornarão com um suspiro, uma inspiração duradoura e veemente, e um sorriso de amabilidade e simpatia.

UMA INCURSÃO NA NATUREZA

Centro de Férias e Veraneio na montanha de *Mambucal*. Eram quase três horas da tarde, e chovia a canivetes quando chegamos ali, mas esse mau tempo não pôde esmorecer o entusiasmo que meus alunos e eu sentíamos, quando o ônibus estacionou no lugar reservado para nós: Pousada de campo 9B.

Com nossas mochilas e tendas, corremos à casa, entramos na sala e encontramos duas camas esmeradamente dispostas que nos esperavam. Para vinte e um estudantes e uma professora? Ué!

Quase me pareceu ridículo. Se não fosse pelos jovens que me rodeavam, cujo entusiasmo era altamente contagioso, à primeira vista, me teria autocriticado, por minha escassa previsão. Nossa ideia inicial fora utilizar tendas de campanha, reservando a casa para nossos pertences pessoais e as necessidades higiênicas. Mas, acredito que a natureza tinha outros planos.

Esse acampamento de uma noite foi uma atividade enriquecedora em educação ambiental, tema que havia integrado minha disciplina de Geografia Universal no Centro Pedagógico, como professora em tempo parcial.

Já estávamos na segunda fase de nossa atividade. Acabávamos de chegar da *Central Azucarera de la Carlota*, um engenho de açúcar, onde os alunos testemunharam pela primeira vez, entre o fremir das gigantes máquinas, todo o processo da fabricação do açúcar. É uma atividade econômica que chegou a fazer parte da herança cultural dos habitantes de *Negros*. Minha Nossa! Era a primeira vez que viam montanhas de açúcar. E se maravilharam de não encontrar formigas em lugar nenhum.

Meus alunos escutaram o agente pelo meio ambiente, que nos explicou o programa de tratamento do lixo da empresa, sem deixar de lado a oportunidade de vermos como a água é reciclada na usina, e a polpa preta da cana de açúcar é retirada, e transformada em adubo agrícola.

Quase todos estávamos exaustos após a viagem e as atividades do dia. Entretanto, enquanto alguns descansavam na cama, o grupo encarregado da janta, dirigido por *Freddie* e *Mary Rose*, começaram a ocupar-se da cozinha: temperaram *sabalote*⁴¹ e costeletas de porco, em duas grandes caçarolas.

Quando a chuva parou, *Donato* e companhia armaram suas tendas no acampamento no outro lado de nossa pequena casa. Enquanto isso, o grupo de *Dyann* e *Georgene* se ocupavam ensaiando a apresentação cultural, que teria lugar após a janta. Entre eles se percebia um sentimento generalizado de impaciência.

Vendo os alunos a trabalhar afanosamente em suas tarefas, eu estava plenamente convicta de que meu firme desejo de oferecer-lhes uma experiência de aprendizagem significativa, me ajudaria a superar alguns obstáculos menores, ou mesmo aparentemente desalentadores.

Tive febre nessa noite, como já tivera nos dois dias anteriores à nossa excursão. Houve chuvas intensas durante dois ou três dias, o que tornou difícil acampar ao ar livre, e além disso, contá-

⁴¹ Sabalote é um peixe fundamentalmente marinho. Tem grande importância comercial para a alimentação humana.

vamos apenas com uma pousada alugada. Todavia, cancelar a atividade não seria uma opção adequada. Ofereci meu corpo febril, nossas limitadas provisões e o tempo adverso ao único Grande Mestre.

Naquela noite, rezei fervorosamente pela robusteza física, a segurança do grupo e o êxito de nossas atividades. Sua graça nunca falha. Ele nos deu mais do que eu Lhe pedira. Deus, simplesmente, é impressionante.

OS GRUPOS ÉTNICOS

A janta, bastante farta e inesperada para um acampamento, constituiu um acontecimento divertido. Todavia, mais animada e prazerosa ainda foi a atividade que veio depois da janta.

Vinte e um jovens entusiastas se juntaram para se vestir em somente uma pousada. Podem os leitores imaginar-se a farra e o bulício:

- Por favor, minha maquilagem aqui!
- Você parece um índio americano.
- Como vamos colocar este cocar?
- Meu rosto está muito preto! O que você fez? – Bem, supõe-se que você seja africano.
- Onde está meu *sarong*?⁴²
- São estes seus acessórios? – Sim, nós os preparamos exatamente para esta noite.
- Que tal estou?

Escutei todas estas conversas de “camarim”, enquanto silenciosamente trabalhava na cama, preparando três cópias dos critérios para a apresentação do grupo e do concurso.

Houve um apagão de vários minutos. Assim, tudo isto aconteceu à luz de uma lanterna e uma pequena lâmpada de emergência na sala. A luz fraca tendeu para aumentar o estado de emoção. Trajaram-se em total frenesi, enquanto os artistas de maquilagem tiveram dificuldade para distinguir com nitidez os rostos de seus colegas.

Por fim, chegaram o Dr. *GO*, decano do colégio, e a senhora *Jimelo*, uma companheira, a quem havia telefonado previamente. Vieram direto da piscina, foram muito amáveis em ajudar e atuar como juízes.

Dirigimo-nos todos ao acampamento, onde teria lugar a apresentação. Esta consistiria em apresentar como um grupo étnico de um continente previamente especificado demonstrava seu respeito à Mãe Natureza.

Devido à chuva cancelamos a fogueira prevista. Em vez dela, permanecemos em uma antiga magnífica construção – uma casa de banho – que, em nossas mentes, se transformou em um templo antigo.

Os rituais iniciaram com o ritmo dos bambus. Os *Ifugaos*”, vindos da Ásia, executaram seriamente sua dança dos falcões. Os índios americanos dançaram ao redor de uma fogueira (uma lanterna cuidadosamente colocada e coberta com um pano que irradiava uma cor avermelhada).

⁴² Instrumento de corda usado pelos indígenas, parecido com a harpa, mas de fabricação tosca.

Uma tribo sul-americana entrou com cestas de batatas e frutas, oferendas a seu Deus e à Mãe Terra. Foi derramado “sangue” que foi bebido por esse grupo canibal. A linda *Lorelie*, conhecida como a “*shaman*”⁴³ da Europa, hipnotizou o grupo com a crepitação da queima de suas folhas medicinais e seu quase frenético mas airoso movimento, tudo unido a seus encantadores esconjuros diante de uma mulher enferma. Para não ficar de fora, uma tribo *Masái* da África, interpretou uma dança alegórica de seu sustento, numa agricultura de subsistência.

Esquecidos do chuveiro lá fora, nosso “templo” era totalmente tomado de espírito festivo. A apresentação foi entremesclada com risadas ou copiosas gargalhadas, pois alguns “índios” ou “africanos” tinham um aspecto realmente divertido. No entanto, todos nos sentimos transportados a diferentes tempos e lugares naquela noite. Foi um acontecimento mágico que nenhuma atividade comum poderia igualar.

Deixamos o templo após tirar algumas fotografias. Isto garantiria que uma parte daquela hora encantadora ficaria guardada e mais tarde, durante anos, os alunos poderiam contemplar essas fotos e rir; quem sabe relembrar aquela noite, e recordar como é possível a gente ser criativo, sério e divertido ao mesmo tempo.

⁴³ À “shaman” se atribui a faculdade de modificar a realidade ou a percepção coletiva desta, o que se pode expressar na faculdade de curar.

EDUCAÇÃO EM ÁGUAS TERMAIS

Imediatamente após a apresentação cultural, todos correram à casa para se porem em trajes de banho. Eram quase nove horas da noite, e nós acreditávamos que as piscinas fossem fechadas uma hora mais tarde.

Passamos por árvores, chalés, um Bar de videoquê e mais árvores, até chegar à piscina de águas termais. Isolada, pouco iluminada, coberta por velhas e altas árvores, e sem ninguém à vista, encontramos o lugar, muito acolhedor e exclusivamente nosso naquela noite. Depois de uma rápida ducha fria, todos saltamos na piscina quente, verdadeiramente relaxante para dezesseis corpos cansados.

Caramba, parecemos todos velhos com reumatismo! -. Meus alunos caçoavam uns dos outros. Olhando para a abóbada de folhas e as réstias de luz num céu com lua, as águas sulfurosas quentes e curativas acariciavam nossos corpos. Aquilo tudo era simplesmente celestial. De vez em quando, um silêncio reparador baixava sobre o grupo, como um momento de reflexão sobre a paz e o esplendor da Mãe Natureza.

Mais tarde, quando ainda estavam dentro da piscina, meus alunos notaram que havia folhas caídas, no fundo, debaixo dos seus pés.

- Estou pisando em folhas – falou um deles.
- Eu também as notei – replicou um outro.

- Bem. Por quê não as retiramos para nossa comodidade? – Sugeriu eu.
E, de brincadeira, prosseguiu: - Cada folha retirada da piscina é um ponto adicional na qualificação de vocês.

- Verdade, *señorita* ? – Meus alunos pareciam tomar a sério meu desafio.
- Então, de acordo, mãos à obra - concordaram alegremente.
- Bem, conto até vinte para limpar esta piscina de folhas. – Todos se puseram a trabalhar. As folhas irritantes de havia pouco, agora se transformaram em pérolas debaixo de seus pés.

Um aluno exclamou prazerosamente: Aqui há um montão de folhas.

- Eu consegui mais – ouvi uma bravata no outro lado.
- Eu já fiz minha parte de trabalho.

Examinando as diferentes folhas que tinha, perguntei aos que estavam trabalhando na água: As folhas de vocês são todas iguais?

Olhando de esguelha para suas folhas na penumbra, responderam: Não, *señorita*.

- Isto é biodiversidade – disse eu simplesmente.

- Acabou o tempo! – falei em voz alta. Os alunos saíram da piscina, e começaram a contar o total de folhas que tinham recolhido. Eu acreditava que daria uma média de vinte folhas para cada um, até que ouvi *Reynalim*, sentado na borda da piscina, contando seriamente em voz alta: - noventa e cinco, noventa e seis, noventa e sete...

Colocamos depois as folhas contadas no grande tonel de lixo que encontramos perto da entrada da piscina, com o cartaz : BIODEGRADÁVEL.

De volta à piscina, disse a esse pequeno número de jovens e futuros professores, que “aquilo era educação meio-ambiental em síntese”.

Todos riram abertamente.

Chegara o momento de partir. Pedi-lhes que se reunissem em círculo e segurassem as mãos uns dos outros.

IDEIAS PESSOAIS

Dez anos de professora, certamente não representam tempo suficiente para dominar, de verdade, o ministério do ensinamento. Contudo, permitam-me partilhar com vocês, três importantes maneiras de ver, resultantes de meus dez anos de vocação docente.

Primeira: O ensinamento, como qualquer outra profissão, cria um profundo sentido de realização pessoal e de alegria na pessoa que sente amor e paixão por ele. Este amor se manifesta num esforço aparentemente incansável, para melhorar constantemente, e ter controle sobre o próprio ofício. Participar em cursos e seminários de formação, mesmo dentro de sua agenda profissional, fazer cursos de graduação ou de pós-graduação, ler livros e revistas profissionais...são maneiras de ajudar um(a) professor(a) a ser mais criativo(a) e inovador(a).⁴⁴ Uma olhar de admiração ou de surpresa, uma pergunta, sinal de maior conscientização interior, uma inclinação da cabeça para indicar uma compreensão mais profunda, documentos críticos, que trazem novos conceitos e novas ideias, unidos a sorrisos agradecidos dos alunos, são apenas exemplificações das alegrias que fascinam um professor criativo. E, garanto a vocês, que tudo isto é mais valioso do que um salário.

Segunda: Ensinar, e ensinar bem, não é obra para fracos e indolentes. Diferentemente de outras profissões, o trabalho do professor não termina às cinco horas da tarde. Após o trabalho de todo o dia, que normalmente inicia às 07h30min., um professor volta para casa com um maço de papéis ou cadernos para revisar, apreciar, corrigir, sugerir correções, melhorar, avaliar, atribuindo uma nota, ou livros que tem de ler. Mas, normalmente, o trabalho real é um assunto para depois da janta, os sábados de tarde, um pouco no domingo, e, muitas vezes, se alarga até as primeiras horas da manhã. No dia seguinte, se levanta cedo, para preparar uma reunião de cinco ou seis divisões de alunos, o que representa uns 250 a 300 espíritos jovens a orientar, muitos deles aplicados, outros não tanto.

Será que isto desanima um professor normal? Absolutamente. – Cansado? Muitíssimo. – Sentir-se sobrecarregado? Sim, muitas vezes. - Mas, com um sorriso e passo rápido, o professor generoso retorna à sala de aula, com os olhos atentos, disposto a incentivar e ser incentivado no campo das ideias e das possibilidades. É impressionante o que pode dar de si o dia e a energia de um professor.

Terceira: Para ensinar a fazer diferença na vida do aluno ou na comunidade, o professor deve ter o senso de missão. Acredito que isso torna o ensinamento muito exigente, especialmente nesta

⁴⁴ A partir daqui não serão mais empregadas estas distinções de gênero (o) (a)...

época, em que a condescendência consigo mesmo e a satisfação pessoal parecem normas supremas. Por quê ensino eu? Como farei deste mundo um lugar melhor, mediante minha vida e meu labor educativo?

Sei que isto significa pedir muito, mas acredito que, não responder diretamente a essas questões, faz com que o professor desmotivado veja seu trabalho como algo sem importância, em vez de considerá-lo como uma tarefa significativa de salvação, tanto no aspecto humano como religioso. Um esforço para libertar um jovem da ignorância e de suas conseqüências, em todas as facetas de pobreza material, mental, emocional e espiritual.

Outrossim, eu tenho a firme convicção de que meu ensino abarca não somente o hoje, nem só este ano escolar ou os próximos cinco anos. Com a graça de Deus, minha esperança e a influência que possa exercer hão de durar, e hão de dar fruto vinte, trinta, quarenta...anos depois, inclusive depois de minha morte. Porque não estou unicamente modelando esse desajeitado, tímido ou rebelde adolescente que tenho diante de mim, mas educando uma pessoa – com espírito, com aspirações, sonhos, possibilidades sem fim – que haverá de trazer esperança para o mundo, para muito além do meu alcance e do meu conhecimento.

Ensinar é realmente uma profissão muito nobre para todos aqueles que forem capazes de discernir sua essência em toda a profundidade. Assim, a vocês e a todos os educadores, obrigada por realizarem paciente e amavelmente a nobre missão de moldar e **tocar** as mentes e **os corações dos jovens confiados a vocês**, como ensinou São João Batista de La Salle.

Queira Deus continuar a derramar sobre nós sua imensa força e suas graças, para que sempre possamos encontrá-IO nos rostos dos alunos “**confiados aos nossos cuidados**”.

QUANDO EU ESTIVE CONFIADO AOS SEUS CUIDADOS

Um significativo número de pessoas verdadeiramente exerceram impacto sobre minha vida. A algumas delas encontrei no cenário profissional das quatro paredes de salas de aula, ou de auditório por ocasião de alguma conferência, enquanto que, com outras, entrei em contato através de ótimos livros que li. Sem deixar de lado os nobres esforços e a grandeza de todos os meus mentores, aprez-me mencionar alguns desses educadores cristãos que, sem o saberem, exerceram enorme influência na minha vida.

Irmã Marcela de la Cruz, A.R. diretora de minha escola secundária, muito interessada pela arte e a cultura, e professora de Vida Cristã na *San Augustín Academy*. Ela caminhava de cabeça erguida, com a graça de uma bailarina. Com seu violão e sua potente voz nos ensinava cânticos religiosos e canções clássicas de amor. Movendo agilmente seu hábito preto, seus passos de dança bem executados nos eletrizavam. Como eu esperava pelas missas das quartas-feiras ou das primeiras sextas-feiras dos meses, quando ela cantava solos e sua bela voz ressoava na velha igreja! Irremediavelmente isto me estremecia, e me parecia estar no céu.

Mercê de você, Irmã Marcela, iniciei a acreditar em mim. Você me enviou a diversos seminários de liderança e, inclusive, se envaideceu de mim diante de seus amigos (principalmente religiosas e sacerdotes) naqueles dias em que eu mesma, apenas sabia perceber-me como uma adolescente magricela, tímida e desajeitada.

A senhora Rosário Saavedra, - com sua voz e seu tato- minha professora perfeita de música e inglês na Universidade *St. Paul*, em *Dumaguete City*. Você selecionava fragmentos apropriados de poetas e escritores ingleses com tanta facilidade como tocava piano. A primeira canção que nos ensinou foi o hino da Escola: "*Hark sons and daughters os St. Paul, come listen to his call*"...⁴⁵

A partir daquele dia, nunca pude entoar esse hino sem recordar de sua imagem, *Rosário*: a orelha direita quase paralela ao piano, e a esquerda atenta a nossas vozes. Uma paradinha repentina de seus dedos sobre as teclas, e o franzimento de sua testa indicavam: "de novo".

Agradecida a você, senhora *Saavedra*, por ajudar-me a amar Shakespeare e, evidentemente, outros poetas românticos; também por acreditar em minha capacidade para proferir um discurso, dirigir um grupo ou compor um vilancico de Natal. Grata por estimular-me a sempre dar o melhor de mim.

Irmã Alma Esmero, SPC. Minha professora de religião e coordenadora de nossa organização: Catequistas Voluntárias de Estudantes Paulinas (CVEP). Como Você adorava levar-nos a um retiro na montanha ou a uma praia, que tinham de tudo para ser de passeio e de alegria. Nunca mais pude pensar que nossas sessões de oração eram somente "eu". Posso relembrar ainda vividamente como um dia nos sentamos na praia, cedo de manhã, e observamos fascinadas, o nascer do sol no horizonte, criando esses lindos matizes no céu. Só depois de não podermos mais contemplá-lo, nos levantávamos e caminhávamos de pés descalços pelas praia.

Acredito que meu amor pela natureza e minha ânsia de levar meus alunos a passeio, podem ser legados de *Alma Esmero*. Outra recordação nítida é a da venda de bilhetes de rifa, de porta em

⁴⁵ Escutai, filhos e filhas, de *San Pablo*; vinde e atendei a seu apelo...

porta, nos povoados próximos. Você, Irmã, me ensinou a nobreza de bater à porta de estranhos, e inclusive de mendigar pela expansão do Evangelho.

Obrigada, Irmã *Alma*, por proporcionar-me essas belas experiências de aprendizagem.

O senhor Leonardo Sicat Jr., diretor prático, eficiente e muito preocupado com a *ESCUELA ANDRÉS SORIANO –LA SALLE*, em *Cebú*. Sua exemplar liderança cristã fez de meu primeiro ano de professora, um dos meus anos mais interessantes e memoráveis. Seu expediente estava sempre aberto a toda a comunidade escolar. Inclusive, eu pude compartilhar com você algo tão normal como as picaduras de insetos (percevejos), o que me incomodava dias e dias. Você se desfez em atenções comigo.

Um dia, depois das aulas, fiquei surpresa quando, ao entrar no meu quarto no dormitório dos professores, encontrei meu velho colchão grosso, substituído por um colchão novo em folha. O pessoal de serviço me informou que isto foi feito depois de o pessoal de manutenção ter aplicado inseticidas gasosos em todo o dormitório. Fora um ato de delicadeza, típico do senhor *Sicat*.

Muito obrigado, senhor *Sicat*, por seus exemplos paternais e cristãos. Você foi um chefe, esposo e pai tão ideal que me comprometi, para anos vindouros, convidá-lo para ser meu padrinho de casamento. No entanto, isto ainda não aconteceu, ou, talvez, esse dia ainda não chegou...

Irmão Jun Erguiza, FSC, de falar suave, e o primeiro Irmão de La Salle com quem me encontrei, quando ele, como Supervisor, visitou a “Escuela Memorial Andrés Soriano-La Salle”. Ali me dei conta de que ele era uma pessoa muito simples que exalava qualidade. Aprendi que deveria dar mais, pois o melhor de mim mesma poderia não ser suficientemente bom para ele. Isto ficou testificado em suas conversações de inspeção comigo e em uma nota, de seu próprio punho e letra, fixada no expediente do vice-diretor, e que uma manhã, tive a oportunidade de ler. Dizia algo assim: “O programa a que assisti ontem, poderia ser melhorado...” Ai! Ele era capaz de ser tão dolorosamente honrado em sua ânsia de qualidade...o bom êxito de qualquer escola de La Salle.

Sim, esse Irmão podia ser muito acadêmico, mas também sabia humilhar-se com um professor novo. Suas perguntas muito bem pensadas: Como Você se vê em seu primeiro ano de professora? Você é feliz aqui? - Estas perguntas persistiram em mim para sempre. Ele soube que eu era feliz na Escuela Memorial Andrés Soriano-La Salle, mas ao saber do meu interesse de passar a outro Centro Educacional La Salle, mais perto de minha casa, não teve dúvida em ajudar-me. “Vou recomendá-la ao Diretor da Universidade La Salle, em Bacolod”. Esta foi sua simples observação. (Essa Universidade está a sete horas de ônibus de minha casa, mas mesmo assim, é o Centro de La Salle mais perto).

Um dia, quando eu apresentava sintomas de esgotamento, e soube que o Irmão *Jun* estava na cidade, não pude deixar de bater à porta da casa dos Irmãos. Tudo em conformidade com sua inata bondade, o Irmão *Jun* escutou pacientemente minha história mesclada com lágrimas. O assentimento de sua cabeça, seu silêncio consolador e suas palavras, depois de me ouvir, me fortaleceram e, de alguma forma, me devolveram a sensação de equilíbrio.

Obrigada, Irmão *Jun*, por compartilhar diretamente comigo os valores de qualidade e de compaixão. Sua amabilidade me ajudou a perseverar na profissão a partir daqueles momentos difíceis que, finalmente, me estimularam a descobrir e apreciar totalmente, que a docência, depois de tudo, é uma vocação.

A VÓS TODOS, QUERIDOS EDUCADORES, E A TODOS QUE DEIXARAM MARCAS EM MINHA VIDA, MUITO OBRIGADA.

SOBRE A AUTORA

DARA BARTE TUMACA - RAMOS é originária de Malabugas, Bayawan City, Negros Oriental. Aluna que proferiu o discurso de despedida da Escola Primária e da Escola Secundária, levou adiante seu sonho juvenil de chegar a ser professora na Universidade de *San Pablo de Dumaguete*, onde concluiu seus estudos universitários de Educação Secundária, na especialidade de Língua inglesa, obtendo História como disciplina secundária; tudo com a qualificação *cum laude*. Concluiu sua Licenciatura em Letras no ramo de História e Ciências Políticas na Universidade La Salle, de Manila.

Seu primeiro ano de docência foi no Colégio Memorial Andrés Soriano-La Salle, em Lutopan, Cebú, onde conheceu e ingressou em La Salle e se afeiçãoou ao Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs.

A *SEÑORITA* Dara, como sempre se referem a ela seus alunos e seus colegas, lecionou História das Filipinas, Estudos Asiáticos, História Universal, Economia, Vida Cristã e Ciências Políticas na Universidade *St. La Salle-Integrated School*, da cidade de Bacolod. Também colaborou em outros âmbitos, como sejam, o Departamento de Estudos Sociais, Vice-diretora do Ensino Primário e Secundário.

Foi também professora em tempo parcial na Faculdade de Educação da mesma Universidade, com o anseio de ajudar aos futuros educadores de Estudos Sociais a maximizar as oportunidades de aprendizagem, e a desfrutar o máximo na docência.

Atualmente é Diretora do *Centro de Enseñaza LIDE, inc. (LLCI)*, um Colégio supervisionado por La Salle, em Isabel, Leyte.